

A decorative border with intricate floral and scrollwork patterns, rendered in a dark brown color, framing the central text.

c8f7290c21cc478

ec559f7c2646a70

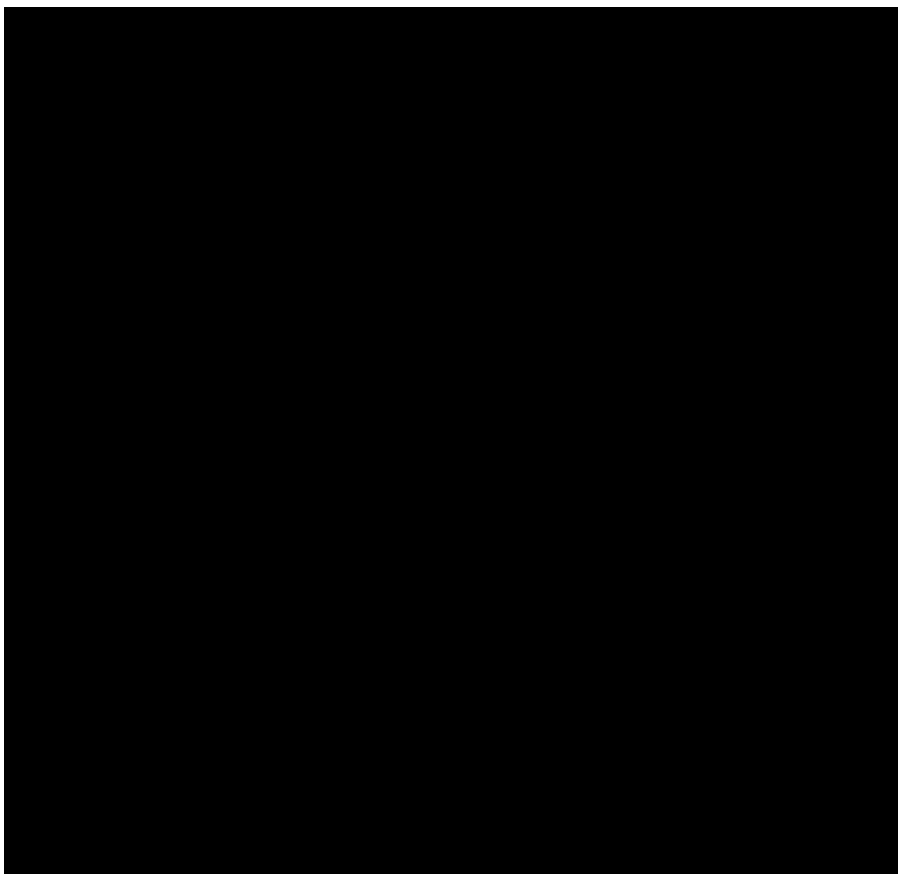
5c

Jacoba

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

A Senda Infinita





PAULO JACOBINA

A Senda Infinita

Título: A Senda Infinita

Copyright © Paulo Jacobina, 2018, 2020

Projeto Gráfico de Capa e Ilustrações: Carine de Souza e Paulo Jacobina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Jacobina, Paulo, 1982 –

A Senda Infinita / Paulo Jacobina

1. Filosofia 2. Filosofia da natureza 3. Metafísica 4. Cosmologia I.
Título

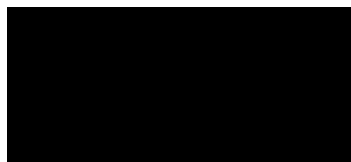
11-113/119.130.1

CDD 113

Índice para catálogo sistemático:

1. Cosmologia : Metafísica : Filosofia 113.

ISBN 978-65-00-03169-0



Sumário:

PREFÁCIO	7
A SENDA INFINITA	8
PLANOS DE EXISTÊNCIA	34
ORBE OU MUNDO DE EXISTÊNCIA	45
KARMA	51
DHARMA	56
EU	58
AMOR	60
AGENTE MODELADOR	63
ÓDIO	65
CORPO	68
CHAKRA	82
LIVRE-ARBÍTRIO	88
ESCADA DE JACÓ	91
FORMAÇÃO ESTELAR	96
PLANETA	100

TRANSIÇÃO PLANETÁRIA	103
VITALIDADE	108
ASPECTOS DA EXISTÊNCIA	110
HOMEM	113
RODA DE SAMSARA	115
PSIQUISMO DIRETOR.....	119
A HERESIA DA SEPARATIVIDADE	122
COMPREENSÃO	129
RELACIONAMENTO	132
GLOSSÁRIO	134
A TRILOGIA DA EXISTÊNCIA	160

6

PREFÁCIO

A presente obra é um resgate de ensina-

mentos universais e que sempre estiveram presentes na história humana, mesmo que de forma velada.

Por intermédio do seu estudo, o buscador poderá se reconectar com tais conhecimentos e, assim, compreender a Realidade.

Juntamente com *A Manifestação* e *O Homem*, *A Senda Infinita* forma a **Trilogia da Existência**, base da Filosofia Existencial.

Embora, tanto os livros, quanto os seus capítulos possam ser estudados de maneira separadas e independentes, recomenda-se que sejam analisados na sequência apresentada (*A Senda Infinita*, *A Manifestação* e *O Homem*), visando otimizar a compreensão.

7

A SENDA INFINITA

Para se compreender o processo de trans-

formação do Eu, sua passagem pelos planos, é preciso entender a sua jornada e, conseqüentemente, a sua origem e o seu destino. Religiões e doutrinas filosóficas pelo mundo inteiro abor-dam esta origem, cada uma à sua maneira, mas todas com um ponto em comum: o homem, o

Eu, decorre de uma entidade superior, que é conhecida por muitos nomes, dependendo de onde se origina a doutrina. Deus, *Rahim*, *Elohim*,

Brahman, *Nhanderuvuçu* são apenas alguns exemplos dos infinitos nomes dados pelo homem ao Absoluto, aquele que dá causa a tudo o que existe e ao que não existe. A questão do nome utilizado pouco importa, uma vez que, por ser inefável, o Absoluto não possui nome e, conseqüentemente, pode ser chamado por qualquer um sem deixar de ser o Absoluto. Isso porque, caso tivesse um nome, não seria possível chamá-lo por milhares de nomes e, assim, deixaria de ser o Absoluto¹.

1 O mesmo se aplica a tudo o que existe e ao que não existe.

O estabelecimento de nomes, como os que aqui são adotados, 8

Aqui, apenas por questões conceituais e buscando facilitar a compreensão, serão utilizados nomes como o Absoluto, o Todo e Aquele que É. Tal escolha se baseia, unicamente, na imanência que se busca ressaltar, de que o Absoluto é uno, eterno, imóvel, imutável e perfeito.

É uno, porque tudo o que existe, e o que não existe, nEle está contido, sem que Ele deixe de existir como um todo, nem que nada dEle se separe.

É eterno, porque não possui início, nem meio, nem fim.

É imóvel porque preenche o infinito e, por isso, não tem para onde se locomover, pois nada existe para além dEle, uma vez que não existe o “além do Absoluto”. Se existe além, lá o Absoluto também estará e também será o além, da mesma forma que o vazio e o nada inexistem, pois, para existirem teriam de ser des-providos de tudo, inclusive do Absoluto, e o trata-se apenas de uma ferramenta que visa

facilitar a compreensão e a absorção de conceitos, não um mecanismo de limitação que a imposição de um nome pode estabelecer.

9

Absoluto se encontra em tudo o que existe e o que não existe.

É imutável, porque não se transforma e, assim, nunca está e sempre é. E, por não se transformar, é perfeito, pois não necessita de corrigir detalhes.

Compreender essas informações pode pa-

recer difícil e isso é normal, uma vez que o ser humano se encontra limitado pelo estado de consciência no qual se encontra, e a compreensão do Todo está muito além do estado de consciência no qual aqueles que aqui estão encarnados conseguem visualizar. É também funda-mental destacar que, mesmo entre o que se tem consciência e o que se consegue expressar, há uma distância, posto que as palavras, os símbolos, as imagens, são limitadas face àquilo que se tem consciência.

Consciência não se restringe ao simples saber. Consiste em ter aquele conhecimento ar-raigado no seu âmago, ao ponto de ele estar intrinsecamente contido em sua conduta. Não há, sequer, necessidade de se pensar naquele comportamento, pois sobre ele não recaem dúvidas

10

ou qualquer tipo de questionamento filosófico, físico, metafísico, religioso, abstrato...

Estar consciente de algo consiste em ter o comportamento fluido, natural e sem empecilho por menor que seja, no sentido de se sublimar em direção ao Absoluto, cumprindo, assim, o que alguns conhecem por *Dharma*, o caminho pelo qual o Eu flui sem atritos, sendo verdadeiramente Eu.

Porém, como se dá a criação do Homem,

estado transitório no qual o Eu, que estuda este material, se encontra? Novamente, doutrinas por todo o mundo contam a mesma história travestida de acordo com a realidade local ou o grau de compreensão que possuem.

Para alguns, a “vida” surgiu com o sopro da divindade. Para outros, de centelhas divinas. Há, ainda, os que defendem que a divindade primordial animou uma porção de matéria. O que poucas doutrinas deixam claro (até porque não visam explicar esse processo), é que existe um aparente lapso entre esse “sopro” e o

“aparecimento” do Homem, do Eu: que o Homem, o Eu, assim como ele está hoje, não veio 11

imediatamente da divindade primordial, mas percorreu um longo período de transformação até alcançar a sua atual condição.

De igual forma se percebe, ao analisar os homens, que estes também se encontram em estágios distintos, embora, ao se observar numa análise macro, ainda próximos uns dos outros.

Outro ponto que se constata é o de que todos os homens, por não serem perfeitos, ainda podem se transformar. Dessa forma, verifica-se que existe uma jornada iniciada no seio do Absoluto e que não fica estagnada, mas se desloca infinitamente até algum lugar. Mas, que lugar seria esse para o qual o homem se desloca?

Mais uma vez, as doutrinas estão corretas ao afirmarem que o destino do Eu em sua jornada existencial é o retorno ao Absoluto. Então, a jornada tem o seu início no seio do Absoluto e, após percorrer toda a jornada existencial, retorna ao seio do Absoluto.

12

Assim com a dança de *Shiva*, o Absoluto parece se expandir em um processo de subdivi-são² até o infinito, quando, após atingir o infinito, volta a se recolher, reunindo as partes que foram divididas inicialmente. Nesse processo de sístoles e diástoles³, a existência é criada na origem primordial e caminha à infinitésima partícula, até retornar, percorrendo todos os planos de existência, passando, em certo ponto, pelos reinos mineral, vegetal, animal, hominal, angelical...

Contudo, tal como ondas num lago pro-

vocadas pelo contínuo e eterno estímulo inicial, o processo existencial jamais se esgota, pois, quando a primeira onda inicia o processo de retorno após atingir o infinito, uma nova onda a substitui chegando ao infinito. Por existirem in-2 Processo decorrente da aplicação daquilo o

que se conhece no Hermetismo por Princípio de Gênero: “o Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos”.

3 Segundo o que se conhece no hermetismo pelo Princípio de Ritmo: “tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação”.

13

finitas ondas neste indo e vindo infinito, inexistente movimento aparente, embora ele ocorra, tal qual objeto que vibra em altíssima velocidade e, mesmo assim, parece estático para aquele que o observa⁴.

Como todas as ondas são partes integran-

tes do Todo, ele se *estende* eternamente até o infinito, jamais se movendo, embora o movimento exista em seu interior⁵; jamais se limitando, embora a limitação exista em seu interior; jamais se transformando, embora a transformação exista em seu interior; e, por não se transformar, é perfeito, embora a imperfeição também exista em seu interior.

Dessa forma, a jornada existencial se inicia no *seio* do Absoluto e a Ele retorna ao término do seu processo transformador. Tal lugar pode ser considerado o centro do Absoluto e estar localizado nos confins da galáxia mais distante, na Terra, em *Aldebarã*, no Sol, em *Sirius*, em *Alcione* ou, até mesmo, no Eu. Pois, uma vez que 4 Segundo o que se conhece no hermetismo pelo Princípio de Vibração: “nada está parado, tudo se move, tudo vibra”.

5 Princípio de Vibração, citado na Nota de Rodapé (“NR”) anterior.

14

se estabelece um ponto localizado no Absoluto, ele sempre será o Seu centro, uma vez que se encontra infinitamente equidistante a todas as *direções* do Absoluto.

O Ser, então, seria como um raio, que irradia do *seio* do Absoluto até o infinito, atravessando todas as ondas geradas pelo eterno e contínuo estímulo inicial. Esse raio, assim como o Absoluto, por conta do

Princípio de Correspon-dência⁶, também é imóvel, embora o movimento exista em seu interior; também é imutável, embora a transformação ocorra em seu interior; também é perfeito, embora a imperfeição exista dentro dele.

Entretanto, se o Ser é imóvel, o que se desloca na senda infinita não é o Ser propriamente dito, mas alguns de seus atributos⁷. E é um des-6 Segundo o que se conhece no hermetismo pelo Princípio da Correspondência, “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”.

7 Este processo de ser gerado e gerar (ou ser derivado e deri-var) que será visto constantemente, só é possível por conta do Princípio de Gênero (“o Gênero está em tudo, tudo tem o seu princípio masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos”, vide NR nº. 2) no qual tudo 15

ses atributos que passa por um infindável processo de transformação nas esferas existenciais, *nascendo* quando se inicia o retorno do infinito em direção ao seio do Absoluto. Este atributo é o que costumeiramente chamamos de Consciência. Seu *nascimento* ocorre no retorno do infinito, pois, apenas então, tem início o processo restaurador, o de se reconectar as partes do Absoluto que ilusoriamente foram desconectadas: ali se dá o início da jornada da compreensão.

Da mesma forma que o Ser, pelo Princípio de Correspondência⁸, a Consciência também é imóvel, embora em seu interior ocorra o movimento; também é imutável, embora exista transformação em seu interior; também é perfeita, embora a imperfeição exista dentro de si.

Contudo, se a Consciência também é imó-

vel, quem se desloca na senda infinita não é a Consciência em si, mas um de seus atributos, o Eu. É o Eu que se desloca pela Consciência, tem o seu princípio masculino, isto é, fecundante, e o seu princípio feminino, isto é, fecundável.

8 “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”.

do Absoluto e sofrendo o impacto das ondas que se deslocam ao infinito. O impulso dado pelas ondas que rumam para o *seio* do Absoluto é a força motriz que ine-xoravelmente leva o Eu em direção ao Eu Superior, enquanto o impacto das ondas em direção ao infinito tem o efeito de gerar o atrito necessário para a depuração do Eu, fazendo com o que é mais bruto seja arrancado, permanecendo no Eu Inferior, e apenas aquilo que é sutil possa se deslocar na senda infinita, nas vicissitudes existenciais, para se transformar no Eu Superior, no processo que alguns chamam de reen-carnação e outros conhecem como roda de *Samsara*.

Nesse processo de transformação, o Eu se desloca do Eu Inferior (aquele que acredita ser uma criatura individualizada e ainda apegada àquilo o que é bruto) e começa a se perceber parte integrante do Absoluto quando a ideia do *eu* desaparece e passa a ser suplantada pela ideia do *nós*, até chegar ao Eu Superior, onde habita um novo Eu, o Eu Coletivo, aquele que sabe o que é, o Eu que sabe que tudo o que

17

existe também faz parte dele e que ele está intimamente associado a tudo o que existe, como uma única coisa, como parte integrante, indissociável e indelével do Absoluto.

Desta forma, o Eu é o atributo da Consciência que se encontra em processo de transformação, cada vez mais, tornando-se a Consciência, e, conseqüentemente, o Ser; percebendo-se, passo a passo, parte integrante do Absoluto; sutilizando-se, abandonando corpos mais brutos e mantendo os mais sutis.

Enquanto a Consciência *nasce* na volta do infinito, quando inicia o processo restaurador, outro atributo do Ser faz o caminho inverso, *nascendo* no *seio* do Absoluto e infinitamente se subdividindo até os confins do infinito. A este atributo, que *nasce* no *seio* do Absoluto e se dirige até o infinito, pode ser dado o nome de Tecido Elementar⁹.

9 Também conhecido por Fluido universal, elemento universal, fluido elementar, substância etc.

18

Tal qual a sua contraparte¹⁰, a Consciência, o Tecido Elementar, pelo Princípio de Correspondência, também é imóvel, embora em seu interior ocorra o movimento; também é imutável, embora exista

transformação em seu interior; também é perfeito, embora a imperfeição exista dentro de si.

Por ser imóvel, não é o Tecido Elementar que se desloca na senda em direção ao infinito, mas um de seus atributos, o Agente Modelador, que se desloca do *seio* do Absoluto, impulsionado pelas ondas que se expandem até o infinito e sofrendo o atrito das ondas que se concentram em direção ao *seio* do Absoluto, brutalizando-se e dando forma aos planos de existência. Este atributo, que carrega dentro de si a capacidade de moldar os planos de existência, foi amplamente relatado ao longo da história humana e, no contato com os planos existenciais que o Homem costuma ter mais acesso, recebe, 10 Segundo o que se conhece no hermetismo pelo Princípio de Polaridade: “tudo é Duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados”.

19

comumente, o nome de Elemental. Assim, o Eu e o Agente Modelador se deslocam em sentidos paralelamente opostos, mas unidos no processo existencial.

Ponto que merece destaque é o de que, assim como o próprio Absoluto, todos os seus Atributos e subatributos não são bons ou maus, mas neutros. É normal se pensar que o deslocamento do Agente Modelador, brutalizando-se, o deixe mau, enquanto o deslocamento da Consciência, sutilizando-se, a deixe boa. Na verdade, tanto um, quanto o outro, apenas cumprem a sua função estabelecida no plano criador e, por isso, não podem ser rotulados como bom ou mau, melhor ou pior.

Essa falsa necessidade que o Homem pos-

sui, de criar dualidades e demais separatismos, decorre da influência exercida pelo Agente Modelador, que atua em tudo o que existe, inclusive na forma com que o Eu analisa tudo o que existe e o que não existe, subdividindo conforme foi programado, em essência, para ser.

Tal atuação não se limita ao plano material, mas também se aplica ao espiritual, ao mental e a todos os demais, uma vez que tudo o que existe e 20

o que não existe é moldado no Tecido Elementar e, conseqüentemente, sofre a ação de seus atributos, inclusive a do Agente Modelador, gerando o Princípio de Polaridade¹¹.

Por isso, não se pode catalogar algo como bom ou mau, pior ou melhor: apenas deve ser verificado se aquilo está cumprindo o seu propósito de ser. Se o Agente Modelador está sendo Agente Modelador, se a Consciência está sendo Consciência, se o Tecido Elementar está sendo Tecido Elementar, isso significa que tudo está em sintonia e, por isso, respondendo à de-terminação do Absoluto, pois é para isso que cada coisa serve: para ser ela mesma.

Os aparentes conflitos, no plano em que o Homem atualmente se encontra, decorrem do desejo do Homem em ser o que ele não nasceu para ser. Por exemplo, imagine que uma planta deseje abandonar o seu propósito: ao invés de 11 “tudo é Duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados”.

21

realizar fotossíntese e servir de alimento e mo-radia para outros seres, ela deseje ser um leão, caçar gazelas para se alimentar e deixar de fazer o que ela foi destinada a ser. Não é necessária muita elucubração para se constatar que o mundo entraria em colapso. Porém, a planta não deseja nada além de ser planta, assim como o leão não deseja nada além de ser leão: tanto a planta, quanto o leão têm o seu desejo em sintonia com a Vontade do Absoluto, que é a de que eles sejam eles mesmos.

Assim como a planta existe para ser *planta*, o animal para ser *animal* e o mineral para ser *mineral*, o ser humano existe para ser *humano*, para que o seu desejo se confunda com a Vontade do Absoluto, que é a de que ele seja benevolente, piedoso, indulgente, tenha com-paixão, seja integralizador. Quando o homem respeita a sua essência, não há conflitos. Contudo, quando, ao fazer uso de seu Livre-Arbitrio, tenta fugir daquilo para o qual foi criado, os atritos acontecem e o conflito aparece.

Só há atrito onde há a separação do desejo e da Vontade. Onde a Vontade e o desejo estão 22

unidos, inexistente atrito, existe o *Dharma* 12. Dessa forma, pode-se acreditar erroneamente que o Livre-Arbítrio seria ruim, pois permite ao Homem ter um querer distinto da Vontade. Entretanto, assim como tudo o que existe e o que não existe, o Livre-Arbítrio também não é bom ou mau, ele é neutro e cumpre a função para a qual foi criado: permitir, pela experimentação, que o Eu encontre o caminho para o Eu Superior, ao compreender que tudo o que existe e o que não existe é apenas o Absoluto e nada mais. Por cumprir a função para a qual foi criado, o Livre-Arbítrio não é bom ou mau, ele apenas é o Livre-Arbítrio e, ao ser Aquele que É, ele é neutro.

Da mesma forma que o Livre-Arbítrio tem

como essência permitir que o Eu escolha o caminho ao qual seguir, para, assim, encontrar o *Dharma*, o *Karma* existe, em sintonia com o Livre-Arbítrio, como forma de gerar a compreensão no Eu. Enquanto o Livre-Arbítrio permite a realização de uma escolha, o *Karma* é a escolha permitida pelo Livre-Arbítrio. É aquilo que, 12 Pois o *Dharma* é o fluxo sutil decorrente da impulsão das ondas que retornam ao seio do Absoluto, sem colidir nem sofrer o impacto denso daquelas que se expandem até o infinito.

23

com base no estado de Consciência no qual se encontra, o Eu opta por fazer. É o agir. Ao agir, o Eu gera a Consequência, isto é, respostas às ações realizadas pelo Eu.

Assim como tudo o que existe e o que não existe, essas respostas, a Consequência, não são boas nem más, mas neutras, pois têm como função atuar em sintonia com o *Karma* e o Livre-Arbítrio, gerando o atrito necessário para que o Eu se desloque, por ressonância, na Consciência em direção ao Eu Superior. E, pelo fato de a Consequência cumprir a sua essência, ela é Aquele que É.

Aqui, deve ser destacado que a inação verdadeiramente inexistente. Só o que realmente existe é o agir, pois mesmo no que está parado, há, em seu interior, o movimento, da mesma forma que ocorre com o Absoluto, que está parado, mas, em seu interior existe o movimento¹³; e, onde há o movimento, há o agir, e o agir é o *Karma*.

13 Mesmo que o corpo físico possa parecer parado, dentro dele, o Corpo Energético estará vibrando, isto é, em movimento. Mesmo que o Corpo Energético possa parecer parado, 24

Entretanto, como o movimento não está limitado a um único plano existencial, acontecendo em todos eles, o *Karma* também ocorre simultaneamente em todos os planos de existência, e como o *Karma* é agir, e o agir gera a Consequência, ele produz efeitos que reverberam em todos os planos de existência¹⁴, em sincronicidade. Esses efeitos, pela aplicação do Princípio de Polaridade, tornam-se novas causas e, ressonando, propagam-se pela existência.

Como tudo o que existe e o que não existe se encontra em perfeita sintonia com a Vontade, aquilo que o Eu ilusoriamente entende como futuro, já está determinado, que é o momento no qual o Eu se torna o Eu Superior. Contudo, embora o destino se encontre determinado, o caminho percorrido pelo Eu é traçado pelo seu *Karma*, com base no Livre-Arbitrio. Porém, o dentro dele, o Corpo Emocional estará em vibração. Da mesma forma que se o Corpo Emocional parece sem movimento, dentro dele o corpo mental estará em movimento; e assim sucessivamente.

14 Segundo o que se conhece no hermetismo pelo Princípio de Causalidade: “toda Causa tem seu Efeito; todo Efeito tem sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei”.

25

Karma escolhido pouco importa para o resultado final, pois tudo se compensa sincronística-mente, de forma a permanecer na perfeita sintonia, no Princípio de Ritmo¹⁵.

Como “o que está em cima é como o que

está embaixo e o que está embaixo é como está em cima”, o *Karma* e a Consequência também são neutros, visto que atendem ao seu propósito e, assim, não são bons ou maus, mas são Aquele que É. Essa compreensão é importante para se constatar que nenhum caminho pelo o qual o Eu escolhe seguir é errado, pois tem como função primordial, como essência, gerar as condições necessárias para o deslocamento do Eu na Consciência. Toda escolha que o Eu faz, isto é, todo o *Karma*, é realizado com base no estado de consciência no qual o Eu se encontra e, portanto, o Eu sempre realizaria a mesma escolha baseada nos mesmos fatores e na condição na qual se encontra.

15 “Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação.”

26

Apenas com o *Karma* e a Consequência, as condições são modificadas para gerar a ressonância necessária para impulsionar o Eu em direção ao Eu Superior. Desta forma, toda escolha realizada é a escolha certa, pois é feita no estado de Consciência na qual o Eu se encontra e o permite experimentar as sensações necessárias para o seu deslocamento na Consciência em direção ao Eu Superior.

Quando se compreende esse fato, o apego

ao que é chamado de passado e a insegurança quanto ao que é chamado ilusoriamente de futuro desaparecem. O Eu se concentra no que é chamado de presente, afastando-se da ilusão da transitoriedade e fixando-se na perenidade, onde ele deixa de ser “aquele que está” e se revela Aquele que É.

Ao compreender a sua essência, o Eu deixa de se preocupar com a ilusão do que aconteceu e do que vai acontecer, pois ele sabe que apenas acontece o que tem de acontecer, pois essa é a sintonia perfeita, a contradança¹⁶

na qual tudo o que existe e o que não existe se 16 É uma dança de ritmo rápido e compasso binário, composto de várias seções de oito compassos que se repetem.

27

encontra; ele sabe que bom e mau apenas são polaridades da Consequência, assim como Luz e Trevas são polaridades da Consciência e, portanto, são ilusões criadas pelo Agente Modelador.

A percepção de que bom e mau são pola-

ridades da Consequência é facilmente consta-tada quando o Eu faz uma análise das experiências às quais se submeteu. Quando ocorre a Consequência, o Eu, influenciado pelo Agente Modelador, tende a observar de um jeito pon-tual e, consequentemente, a cataloga como algo bom ou ruim. Contudo, caso o Eu visse a Consequência em sua

real forma, ele compreende-ria que ela não é boa ou má.

Um meio pelo o qual o Eu pode ver a real forma da Consequência é analisar um fato que já foi vivenciado. No momento no qual o fato foi vivenciado, o Eu o classifica como bom ou mau, porém, em momento posterior, quando o Eu já se deslocou na Consciência em direção ao Eu Superior, ao olhar para esse mesmo fato (já vivenciado), o vê de forma diferente, classifi-cando-o, algumas vezes, de forma diversa da 28

que fizera inicialmente. O fato em si não mudou, então como pode algo que permanece inal-terado ter o seu significado modificado? Isto ocorre porque o *observador* mudou, o Eu que analisou o fato pela primeira vez não é o mesmo Eu que analisou o fato da última. Assim, ser bom ou mau não é uma característica do fato, da Consequência, do *Karma* ou de tudo o que existe e o que não existe, mas uma característica da forma com que o Eu os analisa.

Uma vez que a distinção entre bom e mau, melhor ou pior, existe na forma com que o Eu analisa aquilo que existe e o que não existe, e não nessas coisas em si, encontra-se a verdade por de trás do Princípio de Polaridade, o qual determina, conforme já se definiu acima, que

“tudo é duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau, os extremos se tocam; todas as verdades são meias verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados”.

Sabendo que a polaridade está na forma

de analisar o que existe e o que não existe, o Eu 29

pode modificá-la ao seu bel-prazer, transformando o que é ruim em bom e o que é pior em melhor, ao aplicar o Princípio de Vibração¹⁷ sob a influência do que se conhece no Hermetismo como Princípio de Mentalismo¹⁸. Assim, enxergar as coisas como boas ou más, melhores ou piores, torna-se uma escolha permitida pelo Livre-Arbítrio, e isto é o *Karma*.

Karma e Consequência são polos do Livre-Arbítrio, haja vista que de todo agir decorre uma consequência e a consequência se torna um novo agir, desencadeando uma nova consequência, isto é, um influencia e é influenciado pelo outro, pois, um, além de gerar o outro, também é gerado por este, uma vez que “tudo se manifesta por oscilações compensadas, sendo que a medida do movimento à direita

é a medida do movimento à esquerda”¹⁹, compen-sando-se em sincronidade para permanecer em um estado de perfeito equilíbrio na divina contradança.

17 “Nada está parado; tudo se move; tudo vibra”.

18 “O TODO é MENTE; o Universo é Mental”.

19 Princípio de Ritmo.

30

Ao compreender que o *Karma* e a Consequência são unos, o Eu também compreende que o tempo é uma ilusão provocada pelo fracionamento da Existência, através da ação do Agente Modelador, pois tudo o que existe e o que não existe, na verdade, apenas é, e, por isso, é Aquele que É.

Contudo, apesar de ser ilusório, o tempo, como todas as ilusões, existe para o Eu, uma vez que é um evento e, como tal, pode ser vivenciado. Tudo o que pode ser vivenciado pelo Eu existe para ele, pois tem a capacidade de gerar a energia necessária para que o Eu mude a sua vibração e, por ressonância, se desloque na Consciência em direção ao Eu Superior.

Esta é a distinção entre aquilo que não existe e aquilo que inexistente: enquanto aquilo que não existe, por ser ilusório, existe em algum plano de existência, mas não em todos; o que inexistente não existe em nenhum deles²⁰. Apenas 20 O “vazio”, por exemplo, verdadeiramente inexistente, visto que assumir a sua existência, significaria que, em algum lugar, o Absoluto não se encontra, o que, por si, O faria deixar de ser o Absoluto.

31

o Absoluto existe em todos os planos de existência, uma vez que ele é Aquele que É, enquanto todo o resto, por ser transitório, pode ou não existir dependendo do plano existencial observado. Desta forma, verifica-se que por ser Aquele que É, o Absoluto é o único que verdadeiramente existe, que é Real, enquanto tudo o mais, por ser transitório, inconstante, é ilusório²¹ e não existe verdadeiramente.

A Compreensão do que é permanente e daquilo que é transitório,

auxilia o Eu a superar os ilusórios sofrimentos aos quais voluntariamente se submete. O sofrimento nasce do apego do Eu ao que é transitório, da sua vã tentativa de tornar imóvel aquilo o que é móvel, de deter o que não pode ser detido, de escapar da inexorabilidade do *Dharma*. Ao compreender o que é permanente, o que é transitório e o que isso significa, o Eu se desapega do que é mutável e se fixa no que é imóvel, tornando-se Aquele que É.

Assim como tudo o que existe e o que não existe, o mutável, também não é bom ou mau, 21 Princípio de Mentalismo: “o TODO é MENTE; o Universo é Mental”.



mas neutro, pois apenas existe para cumprir a sua função, a de proporcionar as experiências necessárias para que o Eu se desloque por ressonância na Consciência. E, por ser aquilo que foi determinado em essência para ser, o mutável também é Aquele que É.

PLANOS DE EXISTÊNCIA

À medida que se *expande* até o infinito, subdividindo-se infinitamente até a partícula elementar, o Absoluto dá origem aos infinitos planos de existência, do mais sutil ao mais bruto. Cada plano envolve, por sobreposição, o anterior, amalgamando-o em um processo de mútua influência e interpenetração, fazendo com que em cada plano menos sutil estejam concomitantemente todos os outros mais sutis.

Necessário destacar que, verdadeira-

mente, só existe o Plano de Existência, o *Ádi*, enquanto os infinitos planos, por serem transitórios, podem ou não existirem, pois não passam de ilusões. Contudo, como as ilusões podem ser vivenciadas e, por isso, gerarem a energia necessária para deslocarem por ressonância o Eu na Consciência, elas também devem ser compreendidas.

Embora o número total de planos de exis-

tência seja infinito, o Eu, em seu atual estágio na Consciência, apenas consegue vislumbrar, 34

em graus diferentes, três grandes planos existenciais: o Grande Plano *Atman* 22; o Grande Plano Mental; e o Grande Plano Físico. Estes grandes planos de existência, assim como acontece com os demais, encontram-se sobrepostos e interpenetrados uns nos outros, e, assim como nos demais, exercendo influência sobre os outros e recebendo suas influências.

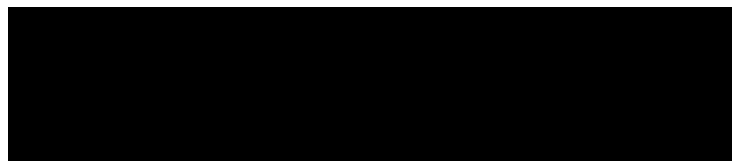
Cada Grande Plano pode ser subdividido,

para fins de se facilitar a compreensão, em sete planos. Pelo Princípio de Correspondência, cada um dos sete planos integrantes de um Grande Plano, também pode ser subdividido em sete planos menores, e cada um deles em outros sete subplanos que se subdividem sucessiva e infinitamente.

O Eu, que se encontra encarnado neste planeta em decorrência do estado de Consciência no qual está, apenas consegue vislumbrar 22. Assim como ocorre com o Absoluto, que pode ser chamado por muitos nomes sem deixar de ser o Absoluto, os nomes aqui adotados, como *Atman*, Consciência, Mental, Físico e Agente Modelador, apenas servem a um propósito: facilitar a compreensão do Eu. Tal fato se dá

porque, por exemplo, o Grande Plano Atman pode ser chamado de Grande Plano Espiritual sem modificar a sua essência.

35



três grandes planos de existência. Vislumbrar porque, mesmo no Grande Plano Físico, o mais bruto dos três, o Eu ainda não consegue compreender a maioria das suas características, dos seus fenômenos, das suas aplicações, compreendendo ainda menos do Grande Plano Mental e, infimamente, o Grande Plano *Atman*.

Grande Plano Físico

O grande plano existencial mais bruto que o Eu vislumbra, que se encontra encarnado na Terra em decorrência do estágio de Consciência no qual se encontra, é o Grande Plano Físico, embora existam grandes planos existenciais mais brutos do que esse, mas ainda fora da compreensão do Eu.

O chamado Grande Plano Físico é aquele

no qual acontecem todos os fenômenos relativos àquilo que existe e ao que não existe, isto é, é nele que acontecem as manifestações físicas e mentais, incluindo todas as formas do que se chama de energia e força.

36

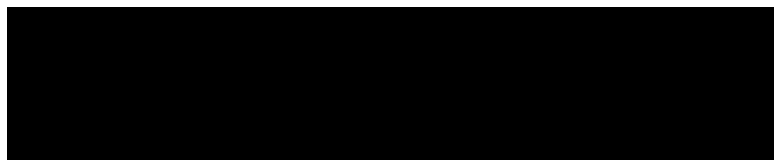
Por englobar aquilo que se chama de energia, é no Grande Plano Físico que se encontra o que, ordinariamente, se chama de matéria. Tal fato ocorre porque a matéria nada mais é do que um estado condensado de energia. Assim, é possível subdividir o Grande Plano Físico em sete planos de acordo com a sua sutileza.

O primeiro é o Plano da Matéria (A), no

qual se encontram os estados da matéria contidos nas formas sólidas, líquidas e gasosas. O segundo é o Plano da Matéria (B), onde se

encontram estados mais sutis da matéria, como ocorre com o plasma e o superfluido. O terceiro é o Plano da Matéria (C), com estados ainda mais sutis e tênues. O quarto é chamado de Plano da Substância Etérea, no qual se encontra o que os antigos chamam de “éter” e alguns conhecem hoje como sendo a “matéria escura”. O

subsequente é Plano da Energia (A), no qual se encontram as formas mais conhecidas de energia, como o calor, luz, magnetismo, a eletricidade, as forças de atração, coesão etc. No Plano de Energia (B) estão energias ainda mais sutis do que aquelas que se encontram no plano an-37



terior, como a chamada “energia escura”. Enquanto as energias contidas no Plano de Energia (C) são tão sutis que apenas aquele que se encontra no subplano mais sutil do Plano da Mente Hominal consegue manipulá-las.

Grande Plano Mental

Enquanto o Grande Plano Físico envolve

as manifestações energéticas, tanto no campo físico quanto no mental, o Grande Plano Mental abrange as formas-pensamento e, a espelho do que foi apresentado no Grande Plano Físico, também será dividido em sete planos, haja vista que é no Grande Plano Físico que acontecem os fenômenos causados pelas formas-pensamentos existentes no Grande Plano Mental.

É no Grande Plano Mental que se encon-

tram as formas de tudo que existe e do que não existe. Tudo que pode ser concebido, só o pode porque no Grande Plano Mental existe uma forma-pensamento correspondente. Tais formas-pensamentos não dão forma apenas àquilo que se manifesta na matéria, mas a tudo que se 38

manifesta no Grande Plano Físico, pois são essas formas-pensamento que causam os fenômenos existentes no Grande Plano Físico.

O Plano da Mente Mineral é o menos sutil dos planos que compõem o Grande Plano Mental e compreende o estágio no qual se encontra o grupo de unidades que anima as formas minerais: as formas-pensamento responsáveis por todos os elementos químicos. A esse grupo de unidade é dado, por alguns, o nome de *Princípio Inteligente*. Contudo, o que se chama de Princípio Inteligente não representa apenas o grupo de unidades que anima as formas minerais, mas também um conjunto mais extenso, que ainda envolve os grupos de unidades de estágios anteriores ao do reino mineral, bem como os que animam as formas vegetais e animais.

Essas unidades são aglutinadas pela atuação unificadora do EU.

Em um estágio mais dissociativo, as uni-

dades se unem em grupos para animar os minerais. Unindo-se mais, passam a animar os vegetais. Sob a ação do Eu, aglutinam-se mais um pouco e animam os animais. Até que sofrendo ainda mais a ação do Eu, alcançam o estágio 39

para se tornarem aquilo que muitos conhecem como o “ser humano”. Este processo de agluti-nação continua infinitamente, dando origem a formas cada vez mais complexas.

Após o Plano da Mente Mineral, encontra-

se o Plano da Mente Elemental (A), que é aquele que, em caminho inverso ao do Eu, está sob forte influência do Agente Modelador e se encontra em um estágio intermediário de inteli-gência e compreensão entre a mente mineral e a mente vegetal. Aqui se encontram as formas menos complexas, que alguns conhecem como *Elementais*.

O terceiro plano integrante do Grande Plano Mental é o Plano da Mente Vegetal. Conforme exposto, reúne o grupo de unidades, que pela ação unificadora do Eu, já se encontram aptas a animar os seres integrantes do reino vegetal.

Após o Plano da Mente Vegetal, verifica-

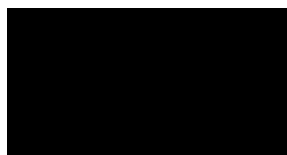
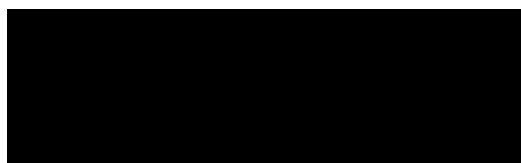
se o Plano da Mente Elemental (B) que, à seme-lhança do Plano da Mente Elemental (A), dispõe-se de forma intermediária entre o Plano da Mente Vegetal e o Plano da Mente Animal.

Contudo, diferentemente do que acontece no Plano da Mente Elemental (A), esse plano ainda não sofreu tanta ação do Agente Modelador e, por isso, possui estruturas mais complexas do que as existentes naquele plano.

O plano subsequente é o Plano da Mente

Animal, sendo seguido pelo Plano da Mente Elemental (C), compreendendo estruturas ainda mais complexas das que existem no Plano da Mente Elemental (B), e se localizando entre o Plano da Mente Animal e o Plano da Mente Hominal.

Assim, como ocorre em todos os planos de existência, o Plano da Mente Hominal também pode ser subdividido em sete, compreendendo as manifestações da mentalidade que são comuns ao que se conhece como Homem. O que se pode chamar atualmente de homem médio se encontra no quarto subplano da Mente Hominal, enquanto poucos daqueles que estão encarnados ou encarnaram na Terra conseguiram cruzar para o quinto subplano e, infinitamente menor ainda, foram os que alcançaram o sexto e o sétimo subplano. Nesses dois últimos sub-41



planos da Mente Hominal estão as formas-pensamento que se encontram em estágios muito mais complexos na Consciência.

Grande Plano *Atman*

Assim como o Grande Plano Físico é a ma-

nifestação do Grande Plano Mental, o Grande Plano Mental é a forma manifesta do Grande Plano *Atman*.

Por se encontrar em um Plano Existencial tão díspar, a compreensão do Grande Plano *Atman* é praticamente impossível pelo Eu, que se encontra encarnado na Terra em decorrência de seu estágio na Consciência, que apenas consegue vislumbrar alguns dos planos menores, que compõem o mais básico plano do Grande Plano *Atman*.

Mesmo assim, um dos atributos do

Grande Plano *Atman* pode ser compreendido, qual seja, o de organizar e dar estrutura às formas-pensamentos do Grande Plano Mental e que se manifestam no Grande Plano Físico. São 42

os elementos do Grande Plano *Atman* que dirigem as estruturas do Grande Plano Mental e do Físico, fazendo com que alguns, ao vislumbra-rem um dos estados desse Grande Plano, o tomem como algo isolado e o chamem de *Psiquismo Diretor*.

O Psiquismo Diretor é um dos atributos do Grande Plano *Atman*. É ele o responsável por agregar formas-pensamento, dando origem tanto às formas que podem se manifestar no Grande Plano Físico, como, por exemplo, a capacidade de voar; quanto às formas que podem se manifestar no Grande Plano Mental, como as doutrinas filosóficas²³ que estabelecem modelos comportamentais²⁴.

²³ Faz-se uso da palavra “filosofia” em seu sentido original, o de amor à Sabedoria, à Verdade, o qual implica uma ação que acarrete uma mudança de pensamento e comportamento, deixando o interesse das coisas dos sentidos, que são efêmeras e relacionadas à ilusão dos prazeres, e passando para o interesse das coisas nobres e autênticas, relacionadas com as suas essências.

²⁴ Tais modelos comportamentais estão presentes em todos os reinos. Os minerais possuem os seus padrões de comportamento, assim como os vegetais e os animais, sendo que, em alguns animais, o padrão de comportamento tem a sua manifestação mais evidente na adoção da formação de um bando, 43

No mais básico dos planos integrantes do Grande Plano *Atman*, encontra-se a essência daqueles que integram aquilo que, no Ocidente, se chama de *Hierarquia Angélica*, estando, no mais básico dos planos

menores, aqueles que são chamados de *Mestres* e *Adeptos* 25. Após a esse plano, estão aqueles que são considerados como *Deuses*.

um cardume, uma manada etc, ao passo que, no reino hominal, os padrões de comportamento se estabelecem como culturas e doutrinas filosóficas e religiosas.

25 Nesse plano menor também se encontram alguns dos que receberam o nome de *Rishis*.

44

ORBE OU MUNDO DE EXISTÊNCIA Tendo em vista que os planos de existência se interpenetram, amalgamando-se uns com os outros, mas sempre levando em consideração os seus níveis de sutileza decorrentes da subdivisão do Absoluto, trechos mais ou menos sutis acabam se formando nos planos existenciais. A esse conjunto de trechos mais ou menos sutil²⁶, dá-se o nome de Orbe ou Mundo de Existência.

Assim como nos Planos de Existência que

o formam e dão origem, o Orbe ou Mundo de Existência também pode ser subdividido infinitamente, de acordo com a sua região de sutileza, como se sucede numa paleta de tons de azul. Como ocorre nos Planos de Existência, a subdivisão do Orbe ou Mundo de Existência apenas se dá visando facilitar a compreensão do Eu, que se encontra encarnado neste planeta em virtude do seu estado de Consciência. A subdivisão do Orbe ou Mundo de Existência se dá nos chamados *mundos existenciais*.

26 Ou mais ou menos sutis, dependendo de como se analisa.

45

Embora a ocorrência de mundos existenciais seja infinita e a análise possa ser realizada a partir de qualquer um deles, torna-se mais palatável iniciar o apontamento daquele de maior compreensão do Eu. Assim, o primeiro Mundo Existencial a ser apontado é o Mundo Material, que é aquele no qual se encontra aquilo que se chama vulgarmente de matéria. Obviamente, existem infinitos mundos existenciais mais brutos do que o Mundo Material, mas são

difficilmente percebidos pelo Eu que está neste planeta. Este mesmo Eu, além de ainda se encontrar em um estágio de Consciência mais baixo, também está em um nível infinitamente mais sutil do que o desses mundos existenciais ainda mais brutos.

O mundo existencial mais sutil subsequente ao Mundo Material é o Mundo Energético. Este mundo existencial é visto, por alguns, como um mundo intermediário entre o Mundo Material e o Mundo Emocional. Isso ocorre pelo fato de o Mundo Energético possuir elementos existentes tanto no mundo Material, quanto no Emocional, e pelo fato de que alguns consideram o Mundo Energético, por sua composição, 46

parte integrante do mundo físico, que seria a junção do Mundo Material e do Mundo Energético. Tal fenômeno é facilmente compreendido quando se sabe que a divisão de mundos existenciais é feita de forma artificial, pois todos se encontram interligados, e por isso, o limite entre um mundo existencial e outro pode ser deslocado de acordo com o estudo realizado.

Ponto que merece destaque é o de que o

Eu, ao percorrer cada mundo existencial, necessita de um invólucro adaptado àquele mundo existencial, para que as experiências ali ocorridas possam gerar a ressonância necessária para o seu deslocamento na Consciência. Assim, o Eu, ao se encontrar no Mundo Material, faz uso de um Corpo Material, ao se encontrar no Mundo Energético, faz uso de um Corpo Energético e assim sucessivamente.

Ainda é importante ressaltar que ao se achar, por exemplo, no Mundo Material, em virtude das características dos mundos existenciais, o Eu, ao mesmo tempo, se encontra em mundos existenciais mais sutis do que aquele e, conseqüentemente, também possui os corpos 47

necessários a cada um deles. Apenas ao se deslocar na Consciência de forma a não necessitar mais de experiências, por exemplo, no Mundo Material, o Eu deixa definitivamente de ter um invólucro material, pois só morre aquilo que nasce, a ponto de que, Aquele que vive, permanece-se no infinito.

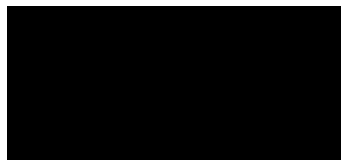
Retornando aos Mundos Existenciais e, então, ao Mundo Emocional, dispõe-se, em um nível mais sutil, o Mundo Mental Inferior. Assim como se verifica entre o Mundo Material e o Mundo Emocional, que possuem o Mundo Energético como “intermediário”, aqui também

existe um mundo “intermediário” pouco conhecido pelos Homens que vagamente vislumbram a sua existência ao mencionar o chamado

“*cordão de ouro*”.

Posteriormente ao Mundo Mental Infe-

rior, encontram-se o Mundo Mental Superior; o Mundo Búdico; e o Mundo Átmico, também ocorrendo, entre cada um deles, um mundo existencial intermediário, de forma similar ao que acontece com o Mundo Energético. Além do Mundo Átmico existem infinitos mundos

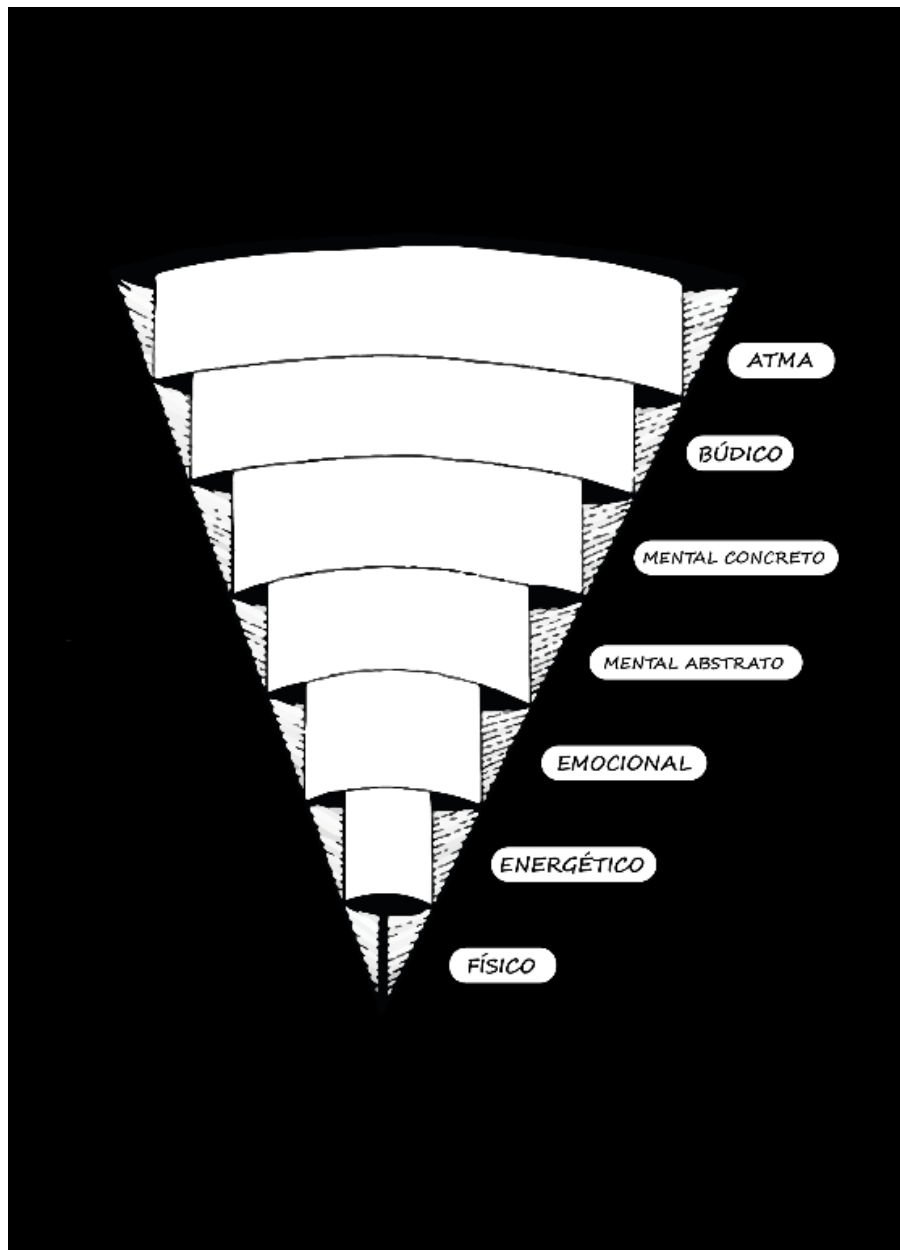


existenciais, mas fora do alcance da compreensão do Eu, que, em virtude do seu estágio de consciência, encontra-se encarnado na Terra, como o Mundo *Anupádaka* e o Ádi.

Reinos

Cada mundo existencial possui manifestações nos reinos existenciais, de forma a proporcionar as experiências necessárias para o deslocamento do Eu na Consciência. Embora haja infinitos reinos existenciais em cada mundo existencial, os de mais fácil compreensão ao Homem Médio são: o Reino Mineral, onde se experimenta a forma; o Vegetal, onde se experimenta a energia; o Animal, com o sentir; o Hominal, com o pensar; e o Angelical, com o Amor Ágape.

Pelo Princípio de Correspondência, o qual estabelece que “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está em baixo é como o que está em cima”, assim como existem Reinos Existenciais no Mundo Material, também existem Reinos Existenciais nos demais mun-49



dos existenciais. Desta forma, no Mundo Energético, também existe o que se pode chamar de Reino Mineral Energético, Vegetal Energético, Animal Energético e Hominal Energético. Em que pese a ocorrência de reinos existenciais nos demais mundos existenciais e a sua similaridade ao que acontece no Mundo Material, os Reinos Existenciais têm a mesma função, mas a sua composição ocorre de acordo com os elementos do mundo existencial no qual se manifestam.

KARMA

A forma com que se aborda o tema *Karma* varia de acordo com o estado de Consciência na qual o interlocutor se encontra. Para aqueles que estão “engatinhando” no assunto, costuma-se explicar que o *Karma* é uma lei universal que estabelece que tudo aquilo o que você faz retorna para você. Utilizam-se expressões como “lei de ação e reação”, a “lei cristã da se-meadura”, dentre outras, mas todas passam, basicamente, a mesma ideia: a de que o indivíduo, ao realizar uma ação, torna-se o responsável por suas consequências, que retornarão a ele como forma de *Justiça Divina* (o que muitos se referem a um estado de equilíbrio). Assim, o *Karma* está associado não só ao ato praticado, mas também às consequências deste ato.

O termo *Karma* tem origem no sânscrito e significa “ação”, assim, ao se falar de *Karma*, fala-se de agir e, por isso, torna-se necessário compreender o que é o agir.

51

Agir é todo ato praticado pelo Eu. Contudo, como o Eu se encontra revestido por infinitos corpos, a sua ação pode ser praticada por qualquer um destes. Por exemplo: ainda que o corpo físico se encontre em estado de aparente falta de movimento, a mente está ativa, assim, o indivíduo, mesmo “parado” fisicamente, está agindo mentalmente e, consequentemente, gerando *Karma*. Por isso, constata-se que, o Eu está constantemente agindo e, desta forma, gerando *Karma*.

Ao agir, o Eu causa uma perturbação no

Tecido Elementar que reverbera infinitamente por todo o meio.

Essa reverberação se propaga infinitamente até sofrer o efeito de outras reverberações, que podem anulá-la, por estarem fora de fase (possuem a mesma frequência e amplitude, mas defasagem em 180°); ou aumentarem sua amplitude, por intermédio da ressonância, tornando-a perceptível para o Eu. Essa percepção provocada pelo aumento da sua amplitude é o efeito do *Karma* do indivíduo, a colheita pre-gada pelo cristão, a reação da física.

52

Tendo em vista que a reverberação se propaga infinitamente até o seu aniquilamento e que, via de regra, o Eu apenas percebe o aniquilamento decorrente da reverberação, a percepção do aniquilamento pode ocorrer a qualquer momento da jornada do Eu. Assim, em uma encarnação, o Eu pode perceber o aniquilamento de reverberações que tiveram sua origem em ações geradas na própria encarnação ou em outras.

Contudo, por que o Eu “colhe” as conse-

quências do seu *Karma* se estas se propagam no infinito? O tempo é uma ilusão percebida pelo Eu, que tem o seu estado de Consciência nesta dimensão. O “passado”, o “presente” e o “futuro” acontecem de forma simultânea, fazendo com que a onda de reverberação provocada pelo *Karma* se desloque pelo infinito, mas mantenha-se conectada em seu ponto de origem, ao *Karma* propulsado pelo indivíduo. Deste modo, ao dar causa à consequência e assim aniquilar aquela onda, a reverberação “retorna” ao seu

“ponto de origem” atingindo o Eu que deflagrou aquele *Karma*.

53

Apesar do que muitos acreditam, em função da atuação do Agente Modelador, nenhum Eu é uma ilha e se encontra isolado do mundo no qual está. Todos compartilham do mesmo meio e, por isso, seus *Karma* geram reverberações passíveis de serem aniquiladas por *Karma* oriundos dos outros.

Uma vez que o *Karma* gerado pelo Eu é passível de aniquilação, seja por ressonância, seja por destitui-lo de fase, o Eu pode alcançar um estado de Consciência no qual já aniquilou todo o *Karma* gerado pelo Eu Inferior e apenas gera *Karma* passível de impulsionar, por ressonância, o deslocamento dos outros em direção ao *Dharma*. Ao se encontrar nesse estado de Consciência, o Eu já está afastado do conceito de que ele “está algo” que é desassociado de todas as coisas e, por isso, o seu desejo está em sintonia com a Vontade, fazendo com que as ações manifestadas por intermédio daquele Eu, na verdade, tenham origem no Todo e, assim, todas as consequências daquele agir reverberam em prol de todos.

54

Atingido este estado de Consciência, o Eu, mesmo que encarne, poderá sofrer efeitos externos decorrentes do *Karma* gerado por um Eu Inferior, entretanto, por saber que aqueles corpos exteriores são ilusórios, o Eu permanece in-tocável àquelas consequências.

55

DHARMA

Dharma é um substantivo em sânscrito que não possui uma tradução literal, mas, por ter *dhr* como sua raiz verbal, significa *aquilo que sustenta algo*.

Portanto, o *Dharma* é aquilo que sustenta a Senda percorrida pelo Eu. É o caminho para o Eu Superior pelo qual o Eu deve percorrer em sua jornada.

Por mais que o destino seja o mesmo para todos — o Eu Superior, estado no qual os indivíduos estão de volta ao seio do Absoluto —, cada Eu possui um caminho próprio a percorrer ao deixar o Eu Inferior e, por isso, cada Eu possui o seu próprio *Dharma*. Dessa forma, *Dharma* é o caminho pelo qual o Eu, levado pelo impulso das ondas que convergem para o seio do Absoluto, despe-se do Eu Inferior e revela-se como o Eu Superior.

Esse caminho, por se encontrar em total

sintonia com a Vontade, além de não gerar qualquer tipo de atrito ao Eu, o faz fluir naturalmente em direção ao Eu Superior.

56

Ao fazer uso do Livre-Arbítrio, muita das vezes, o Eu opta por percorrer os caminhos ilusórios que envolvem o *Dharma* e, por isso, sofre o atrito necessário para ser deslocado, por ressonância, de volta ao *Dharma*. Tal atrito tem a capacidade de gerar a experiência necessária para que o Eu compreenda que está percorrendo um caminho ilusório e, assim, retorne ao Verdadeiro Caminho, ao *Dharma*.

EU

O Eu é o atributo da Consciência que possui a capacidade integralizadora. É o responsável por dissolver os limites ilusoriamente criados pela atuação do Agente Modelador, fazendo com que tudo seja reunido novamente no Absoluto.

No ponto mais afastado do Seio do Abso-

luto, o Eu é conhecido como o Eu Inferior, enquanto, ao estar no Seio do Absoluto, ele é conhecido como o Eu Superior.

A distinção básica entre o Eu Inferior e o Eu Superior se encontra no estágio de Consciência no qual o Eu está. Quanto mais próximo do Eu Inferior, mais o Eu ilusoriamente acredita ser individualizado, de forma a ser distinto de tudo o que existe e do que não existe. Ao passo que, quanto mais próximo do Eu Superior, mais o Eu sabe não ser individualizado, tendo em vista que verdadeiramente só existe o Absoluto e todos os limites percebidos são criações ilusórias do Agente Modelador.

58

Esta ilusão criada pelo Agente Modelador faz com o que o Eu ilusoriamente se identifique com os corpos de que faz uso, no que se chama de Ego. Em estágios mais brutos, o Eu se identifica com corpos mais brutos, enquanto, em estágios mais sutis, com corpos mais sutis. Apenas quando o Eu se confunde com o Eu Superior é que ele tem a consciência de que todos os corpos são ilusórios e ele é Aquele que É.

A capacidade integralizadora do Eu decorre da atuação de um de seus atributos, o Amor. Por intermédio da atuação do Amor, a ilusão da separatividade é desfeita.

59

AMOR

O Amor é o atributo do Eu capaz de dis-

solver a ilusão da separatividade e, conseqüentemente, reunir o que aparenta estar separado.

Assim como o Eu utiliza corpos específi-

cos para cada mundo existencial, o atributo do Eu conhecido como Amor também possui aspectos para cada região na qual atua. E, assim como o Eu se encontra simultaneamente em diversos mundos existenciais, os aspectos do Amor também podem ocorrer simultaneamente, da mesma forma que existem gradações dentro de cada aspecto.

Em estados mais brutos, o Amor assume

o aspecto conhecido por Amor Eros, isto é, a forma de amor com a qual o Eu deseja ter o que não tem e, quando o passa a ter, deixa de desejar, perdendo o interesse. Essa forma de Amor, embora muito associado ao desejo sexual, não se limita a este, tendo em vista que, na verdade, ele se correlaciona aos níveis mais brutos e à ideia de se ter as coisas, inclusive de ter o outro.

60

Em que pese o aparente estado primitivo, é a aplicação do Amor Eros a responsável tanto pela canalização das energias desses corpos em direção a corpos mais sutis, no que alguns conhecem como o *ativar da Kundalini*; quanto pela reprodução nos corpos brutos, seja no acasalamento entre o que se chama de macho e fêmea, ou na união de partículas mais elementares, a exemplo de um átomo que busca outro para se unir.

Outro aspecto do Amor é o Amor Philos,

também chamado por alguns como *Amor Fraterno*. Enquanto o Amor Eros visa a atração do que ilusoriamente está bem afastado, o Amor Philos atua no que está mais próximo e mais identificado pelo Eu.

Essa identificação tem como base o estado de Consciência no qual o Eu se encontra e, conseqüentemente, a sua abrangência é baseada neste estado. Assim, nos mais brutos, o Eu se identifica com poucas coisas, ao passo que, nos mais sutis, por já ter dissolvido mais a ilusão da separatividade, o Eu já se identifica com uma quantidade maior.

61

O Amor Philos atua naquilo que foi reunido pelo Amor Eros, dissolvendo a ilusão da separatividade e aproximando, ainda mais, o que ilusoriamente é distinto.

Em seu aspecto mais sutil, o Amor assume a forma de Amor Ágape, cuja união é feita pela essência das coisas e, por isso, tem a capacidade de dissolver toda a ilusão da separatividade e revelar que todos são um único ser.

Por se tratar de uma união pela essência, pela identificação do Absoluto que há em tudo o que existe e o que não existe, muitos o chamam de Amor Incondicional. Ao dissolver a ilusão da separatividade, parece àqueles que ainda estão na ilusão que aquele Eu a tudo suporta, quando, na verdade, não há o que suportar, uma vez que o véu da ilusão foi dissolvido e aquele Eu apenas tem contato com o que realmente existe.

Todos os aspectos e as gradações de cada aspecto do Amor ocorrem simultaneamente, atuando no Grande Plano Mental, transmutando as formas-pensamentos ali impressas e dissolvendo a ilusão dos limites.

62

AGENTE MODELADOR

Ao passo que, por atuação de seus atributos e subatributos, o Eu tem a capacidade integralizadora, o Agente Modelador atua contrariamente, criando a ilusão da separatividade. Os dois têm o mesmo módulo e a mesma direção, mas possuem sentidos, polos, opostos.

O Agente Modelador é o responsável por

criar todas as formas-pensamento e, por isso, pode-se dizer que o transitório é criado pela atuação do Agente Modelador. Por isso que em seu estado mais sutil alguns o chamam por Demiurgo, o artesão que modela o Fluido Universal dando forma ao que existe e ao que não existe; e, em estado mais bruto, o chamam de Elementais. Assim como ocorre com o Absoluto, e tudo o mais, o Agente Modelador não possui um nome próprio e, por isso, pode ser chamado por qualquer nome sem deixar de ser o Agente Modelador.

Possui sentido oposto ao do Eu porque, enquanto este parece sutilar-se, o Agente Modelador parece brutalizar-se, perdendo, ao 63

passo que se afasta do seio do Absoluto, a sua coesão inicial em função da atuação de um de seus atributos, o Ódio.

64

ÓDIO

Assim como o Amor é um atributo do Eu,

o Ódio é um atributo do Agente Modelador. E

tal como acontece entre o Eu e o Agente Modelador, o Amor e o Ódio possuem sentidos, polos, opostos: enquanto o Amor une, o Ódio desune.

Tal qual ocorre com o Amor, o Ódio tam-

bém possui aspectos de acordo com o estado no qual se manifesta, mas sempre contendo sua essência, que é a de criar a ilusão da separatividade.

Em estados mais sutis, o Ódio assume o

aspecto de Ódio Obliterador, que é aquele responsável pelo que se chama equivocadamente de *destruição*. Tal equívoco se dá, pois, apesar de ocorrer uma aparente destruição, na verdade o que ocorre é a *transformação*, uma vez que desta

“destruição” se origina algo novo.

O Ódio Obliterador está associado diretamente à essência do seu objeto. É em função da atuação do Ódio Obliterador, por exemplo, que uma semente deixa de existir e uma árvore é

criada, que um alimento é destruído e se transforma em parte integrante do corpo que o co-meu, que uma criatura “mate” a outra.

Em um estado um pouco mais bruto, o Ódio assume o aspecto de Ódio Projeção, o responsável por fazer com que o Eu sinta aversão a tudo com o qual se identifica.

A atuação do Ódio neste estado é a responsável por fazer tanto com

que uma célula se divida²⁷, projetando aquilo que o Eu ali se identifica; como também é o responsável pela aversão sentida por uma criatura com relação a outra em qualquer nível, seja na esfera espiritual, mental e física. Nesta última, a título ilustrativo, o ódio é o responsável pela aversão de natureza sensorial, a exemplo do não gostar de determinados alimentos, cores, temperaturas, odores, ²⁷ Nota-se que o processo de fecundação e parto de um ser vivo só é possível em virtude da atuação tanto do Amor, em seus diversos aspectos, quanto do Ódio, também em seus aspectos. É o Amor que leva o macho e a fêmea a copularem e o espermatozoide e o óvulo a se unirem; é o Ódio que faz o Zígoto se subdividir criando as diversas células do organismo; ao passo que é o Amor que mantém o organismo unido; enquanto no momento do parto é o Ódio que expulsa o feto do útero materno; e é o Amor que faz com que a mãe o tragá para perto de si para cuidar daquele organismo.

66

texturas etc, bem como também é o que faz com que polaridades iguais em um ímã se repilam.

Em seu estado mais bruto, o Ódio assume

o aspecto de Ódio Repulsa, no qual é o responsável pelo afastamento de tudo que não é identificado com o Eu. Pela atuação do Ódio Repulsa o Eu busca se afastar ou repelir aquilo com o qual não se identifica, estabelecendo o que se chama de *limite*.

Assim como acontece com o Amor, todos

os aspectos e gradações do Ódio também ocorrem simultaneamente, atuando no Grande Plano Mental, transmutando as formas-pensamentos ali impressas e criando a ilusão dos limites.

67

CORPO

O Corpo é o veículo utilizado pelo Eu para passar pelas situações no Orbe ou Mundo de Existência, capazes de gerar a experiência necessária para o deslocamento na Consciência.

Sua criação também ocorre pela ação do Agente Modelador, que o brutaliza e, assim como acontece com o Mundo de Existência, o Corpo também pode ser subdividido infinitamente, conforme a sua região de sutileza, nos Corpos Existenciais.

Tal divisão tem apenas caráter explicativo, haja vista que, embora possam parecer distintos, todos os Corpos Existenciais são apenas o Corpo, da mesma forma com que ocorre numa paleta de tons de uma cor. Aparentemente o “azul celeste” e o “azul índigo” são distintos, mas ambos continuam sendo “azul”, assim como o Corpo Físico e o Corpo Átmico, que parecem distintos, mas ambos continuam sendo o Corpo.

Apesar de a ocorrência de Corpos Existenciais ser infinita, o de maior compreensão do 68

Eu, que se encontra encarnado neste planeta em decorrência do seu estado de Consciência, é o Corpo Físico, que é aquele utilizado pelo Eu para passar pelas situações que ocorrem no Mundo Material.

Obviamente, existem infinitos Corpos

Existenciais mais brutos do que o Corpo Físico, mas que dificilmente são percebidos pelo Eu que está encarnado neste planeta, tendo em conta que o Eu, mesmo se encontrando em um estágio considerado grosseiro, também está em um estágio mais sutil do que o desses outros Corpos Existenciais.

Ao sofrer a ação do Agente Modelador, o

Corpo passa a apresentar características mais segregadas e, a espelho do que foi apresentado no Mundo Existencial, pode ser subdividido, à medida que se torna mais grosseiro, em Corpo Átmico, Corpo Búdico, Corpo Mental Abstrato, Corpo Mental Concreto, Corpo Emocional, Corpo Energético e Corpo Físico.

Como a divisão ocorre de maneira artifi-

cial e, tendo como base o grau de compreensão daquele Eu que aqui se encontra encarnado, 69

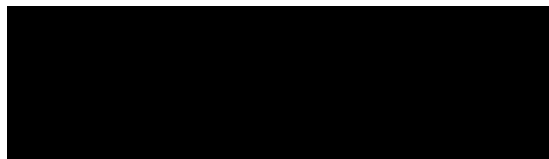
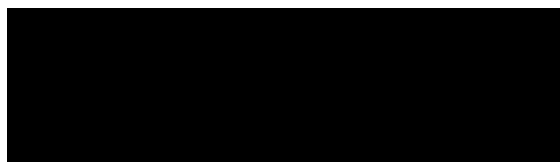
cada um desses Corpos Existenciais pode ser subdividido infinitamente em outros Corpos Existenciais, de acordo com o grau de sutileza.

Por isso que, por ter a sua compreensão ainda muito ligada aos assuntos do Mundo Material, o Eu entende o Corpo Energético como um Corpo Existencial (não um “intermediário” entre o Material e o Emocional), mas ainda não compreende o corpo no qual se vislumbra o

“cordão de ouro” como um Corpo Existencial, apenas o percebendo como um agente “intermediário” entre o Emocional e o Mental Inferior. Tal fato ocorre em função da atuação do Agente Modelador, que causa a ilusão da separatividade e faz o Eu pouco compreender sobre aquilo que ele acredita estar distante.

Tendo em vista que o Corpo é um veículo, sobre ele recaem não só as influências do Eu, mas também as do Agente Modelador, fornecendo ao Corpo tanto o poder do Amor, quanto o do Ódio, além dos demais atributos do Eu e do Agente Modelador.

70



Corpo Átmico

Também chamado de *Atmam*, *Yechida*, *Atmú* e de Espírito Divino. É o “primeiro”

Corpo Existencial a ser formado e o mais distante da compreensão do Eu que aqui se encontra encarnado e, por isso, muitos o confundem com o próprio Eu em função do seu estado de sutileza e por se esquecerem da ocorrência do plano *Anupádaka* e do Ádi.

Sua composição é predominantemente de

elementos contidos no Grande Plano Átmico e possui três atributos: a Existência ou *Sat*, responsável pela irradiação da Vitalidade que

alimenta os demais Corpos Existenciais; a Consciência ou *Chit*; e a Felicidade Inefável ou *Ananda*.

É neste Corpo Existencial que a individualidade é criada.

Corpo Búdico

Também chamado de *Buddhi*, *Búddhico*, *Shayah*, *Putah*, *Anandamaya Kosha*, Corpo Intuicional e por Espírito de Vida, o Corpo Búdico é aquele utilizado pelo Eu para interagir no 71

Mundo Búdico, o estado de sutileza inferior ao apresentado no Mundo Átmico.

Neste Corpo Existencial se encontra registrada a experiência do Eu, o seu *Akasha*.

Aqui, a ilusão do tempo ainda não foi criada pelo Agente Modelador e, consequentemente, só existe o *agora*.

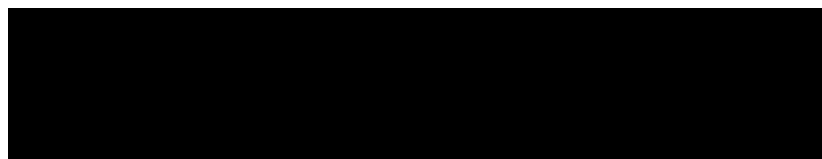
Por se encontrar plenamente no *agora* e possuir um único “núcleo de consciência”, o Eu compreende tudo o que lhe ocorre com o uso da Intuição, um de seus atributos.

À medida que se desloca para outros Cor-

pos Existenciais pela ação brutalizante, a compreensão começa a se separar por ser analisada em “diferentes” mentes, em “diferentes” momentos etc, fazendo com que a experiência passe a ser vista como o que o Eu faz com o que lhe acontece.

Sua composição ainda é de elementos pertencentes ao Grande Plano Átmico.

72



Corpo Mental Abstrato

Em um estado mais bruto do que o apre-

sentado pelo Corpo Búdico, encontra-se o Corpo Mental Abstrato, também conhecido por Corpo Mental Superior, *Manas Arrupa*, *Nechama* h, Sab, Espírito Humano, Corpo Causal e *Vijnanamaya Kosha*.

Sua sutileza já se encontra modificada em relação ao Corpo Búdico pelo aumento da proporção de elementos constitutivos pertencentes ao Plano da Mente Hominal, que já passa a con-tar com todos os seus subplanos integrando o Corpo Mental Superior.

Por possuir elementos integrantes do Grande Plano Mental, o Corpo Mental Abstrato já começa a apresentar atuação densificadora, haja vista que a densidade é um atributo do Grande Plano Físico decorrente da ação origi-nária do Grande Plano Mental.

Em função de já possuir elementos de to-

dos os subplanos do Plano da Mente Hominal, a esse Corpo Existencial também se dá o nome 73

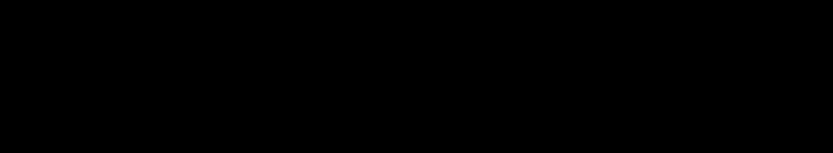
de Corpo Causal, numa alusão à origem de todos os fenômenos no Grande Plano Físico experimentado pelo homem.

Nesse Corpo Existencial ocorre a primeira divisão da Mente, deixando a unidade apresentada no Corpo Búdico (o Núcleo de Consciência) e passando a se manifestar na dualidade do que se chama de Mente Espiritual ou Super-Consciente e Mente Intelectiva ou Consciente.

A Mente Espiritual é a responsável pela Vontade no Plano Mental do Eu. Com a bruta-lização provocada pelo deslocamento para os Corpos Existenciais posteriores, o desejo começa a se separar da Vontade.

A Mente Intelectiva é a responsável pelo Raciocínio, isto é, o estabelecimento de relação entre as coisas. À medida que se brutaliza, des-locando-se para outros Corpos Existenciais, o raciocínio se torna menos depurado, dificul-tando a correlação entre as coisas.

No Corpo Mental Abstrato, a Intuição vinda do Corpo Búdico já sofreu a ação brutali-zadora do Agente Modelador, fazendo surgir as ideias de bom e mau, certo e errado.



Corpo Mental Concreto

Também chamado de Corpo Mental Infe-

rior, *Manas Rupa*, *Ruach*, *Akbú*, Mente, *Manomaya Kosha*, o Corpo Mental Concreto é o Corpo Existencial responsável pelo processo cognitivo e onde uma nova mente surge, a Mente Instintiva ou Inconsciente, que é a responsável pela criação das formas físicas e dos desejos.

A Mente Instintiva está associada aos sentidos externos, às emoções, e é onde fica regis-trado o condicionamento decorrente das experiências pretéritas, tendo em vista que a ilusão do tempo já se encontra atuante no Mundo Mental Inferior.

Por se encontrar em um estágio menos su-

til do que o do Corpo Mental Abstrato, é no Corpo Mental Concreto que as *emoções* surgem dos *sentimentos* e os *desejos* da *vontade*.

Com o surgimento das emoções, a ilusão

do tempo se torna mais atuante, tendo em vista 75

que a ilusão do tempo decorre do estado emocional e da compreensão por intermédio das formas.

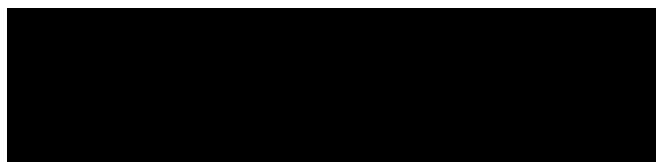
A proporção de elementos constitutivos desse Corpo Existencial já possui todos os subplanos do Grande Plano Mental, embora seja proporcionalmente ínfima a presença dos elementos contidos a partir do Plano da Mente Animal.

A partir deste Corpo Existencial, os elementos constitutivos do Grande Plano Físico passam a fazer parte da sua composição e, à medida que o Corpo continua a se brutalizar, mais os elementos do Grande Plano Físico se tornam preponderantes.

É no Corpo Mental Concreto que as for-

mas concretas surgem, inclusive o próprio Corpo Mental Concreto assume uma forma concreta arredondada. Com o aparecimento dos próximos Corpos Existenciais menos sutis, pela ação da densidade desses Corpos, o Corpo Mental Concreto sofre uma leve modificação em sua forma, passando a apresentar um aspecto mais ovalado.

76



Corpo Emocional

Também chamado de *Kama Shárirá*,

Nephesch, *Khabá*, Corpo dos Desejos, Corpo Astral, Psicossoma, Corpo Espiritual, Perispírito e *Kamamaya Kosha*. É o Corpo Existencial no qual ocorrem as interações no Mundo Emocional. É

o palco das emoções e dos desejos e, por isso, tem os seus atributos²⁸ influenciados por eles.

Em decorrência desta preponderância de

elementos do Grande Plano Físico e, conseqüentemente, da ocorrência de densidade, torna-se possível, de acordo com o nível desse atributo, subdividir artificialmente o Corpo Emocional em sete níveis, a espelho do que se fez com o Corpo e o Mundo Existencial.

²⁸ Costuma-se estabelecer que o Corpo Emocional possui, dentre outros, os seguintes atributos: a plasticidade, a densidade, a ponderabilidade, a luminosidade, a penetrabilidade, a visibilidade, a expansibilidade, a bicorporeidade, a tangibilidade, a sensibilidade global, a sensibilidade magnética, a unicidade, a mutabilidade, a capacidade refletora, o odor e a temperatura. Estes atributos também podem ser encontrados em outros Corpos Existenciais.

77



Corpo Energético

Também chamado por Corpo Vital,

Corpo Etérico, *Linga Shárira*, *Kusch há Guf*, *Bah*, Duplo Etérico e *Pranamaya Kosha*.

O Corpo Energético basicamente é visto como sendo a porção do *Chakra* que une o Corpo Emocional ao Corpo Físico²⁹.

Composto por elementos do Grande

Plano Físico, o Corpo Energético, como o próprio nome sugere, é a parte mais sutil do Corpo Físico, tendo em vista que ambos são feitos de energia, porém em níveis de sutileza distintos, sendo o Corpo Físico composto, basicamente, por energia densa, chamada corriqueiramente de matéria; e, o Corpo Energético, por energia mais sutil.

²⁹ Para mais detalhes, verificar o capítulo *Do Deslocamento entre Mundos Existenciais* na obra *O Homem*, terceiro volume da Trilogia da Existência.

78



Corpo Físico

Também chamado por *Stulo Shárira*, *Guf*, *Kha*, Corpo Denso, *Annamaya Kosha*.

O Corpo Físico é aquele amplamente estu-

dado pela ciência terrena e responsável pelas interações do Mundo

Material.

Esse Corpo Existencial compõe-se de ele-

mentos químico-biológicos decorrentes da ação direta das Formas-Pensamento existentes no Grande Plano Mental e adquiridos no processo de alimentação. Por exemplo, ao se analisar a composição química do Corpo Físico, encontra-se a presença de elementos que são formados pela atuação direta do Plano da Mente Mineral.

Esta presença pode ser maior, caso se analise uma rocha, ou menor, no caso de se analisar o corpo humano.

Contudo, todo Corpo Físico possui, em maior ou menor quantidade, a ação das formas-pensamento do Plano da Mente Mineral e, à medida que se torna mais complexo, passa a receber a ação das formas-pensamentos decorrentes dos outros planos que integram o Grande Plano Mental.

79

Ao se deslocar na Consciência enquanto está no Corpo Físico, o Eu passa por acontecimentos que são típicos de cada um desses estados, experimentando o físico no mineral, as sensações no vegetal, as emoções no animal e, por fim, o intelecto no hominal. Esse caminho de utilização é percebido quando se verifica que o Eu ali contido começa a experimentar acontecimentos típicos dos próximos estados de utilização, como um mineral que já começa a captar as sensações como ocorre com o vegetal; uma planta que já começa a experimentar o emocional como o animal; e um animal que já começa a experimentar o pensar como o homem.

Como ocorre com todos os Corpos Existenciais, a composição do Corpo Físico decorre da união da Vitalidade emanada pelo Corpo Átmico com os elementos existentes no Mundo Existencial no qual se encontra. Contudo, enquanto nos outros Corpos Existenciais a utilização dos elementos do Mundo Existencial no qual se encontra decorre da absorção direta do 80

meio, no Corpo Físico utilizado no Reino Animal ocorre o fenômeno conhecido por alimentação e o da respiração.

CHAKRA

Chakra é uma palavra de origem sânscrita que significa “roda”, no sentido de *círculo*, e seu nome foi dado em função da sua visão em um corte frontal. É através dele que os atributos ir-radiados pelo Corpo Átmico percorrem e ali-mentam todos os demais Corpos Existenciais, animando-os.

Além de servir de meio pelo qual os atributos do Corpo Átmico se deslocam entre os Corpos Existenciais, também é por intermédio do *Chakra* que ocorre a comunicação entre os Corpos Existenciais, fazendo com que as vivências em cada Corpo Existencial sejam transferi-das entre eles.

Entretanto, tal troca de vivências não ocorre de maneira livre, existindo, ao longo do *Chakra*, uma série de “filtros”, sendo o supostamente mais conhecido chamado por muitos de

“Tela Etérica” ou de “Tela Búdica”, que fica localizado no Corpo Energético, e é responsável 82

por filtrar a comunicação de determinadas sensações, impressões, vivências etc. entre o Corpo Físico e o Corpo Emocional.

Por mais que seu nome em sânscrito sig-

nifique “roda”, o formato do *Chakra*, mais se as-semelha ao de um duto por meio do qual, principalmente, a vitalidade se desloca.

À medida que percorre os demais Cor-

pos Existenciais e sofre a ação do Agente Modelador, o *Chakra* se subdivide infinitamente de maneira a conectar todos os elementos constitutivos dos Corpos Existenciais, permanecendo unido, nos Corpos Existenciais, por outros *Chakra* denominados *nadi* 30.

Esta subdivisão faz com que a porção do

Chakra “localizado” em um Corpo Existencial menos sutil seja menor do que a sua porção localizada em um Corpo Existencial mais sutil, dando-lhe um aspecto cônico e, conseqüentemente, resultando em que uma quantidade me-30 A palavra *nadi* tem a raiz sânscrita *nad* que

significa “movimento”, dando a ideia de “correnteza”.

83

nor de vitalidade e de outros atributos superiores se encontre presente no Corpo Existencial menos sutil.

Tendo em vista essa rede de vitalidade propiciada pelo *Chakra*, seja pelos *chakra* que unem os Corpos Existenciais entre si, seja pelas *nadi* que unem os Corpos Existenciais correspondentes, é possível se estabelecer que os Corpos Existenciais são formados “ao seu redor” e se nutrem da Vitalidade que transita pelo *Chakra*.

No Corpo Energético, onde supostamente

é mais conhecido, o *Chakra* se apresenta como uma miríade de *chakra* e *nadi*.

Os *chakra* são agrupados e classificados no Corpo Energético de acordo com a sua capacidade de transmissão e, conseqüentemente, função, em *chakra* mínimos, menores, maiores, secundários, principais e primordiais.

Os chamados de primordiais estão reuni-

dos em dez grupos: o *Muladhara* ou *Adhara* ou Fundamental; o *Svadhishthana* ou *Adhishthana* ou *Shaddala* ou Genésico ou Sexual; o *Manipura* 84

ou *Manipuraka* ou *Nabhi* ou Umbilical; o Esplênico; Gástrico ou Solar; o *Anahata* ou *Hritpankaja* ou *Rirupana* ou Cardíaco; o *Vishuddha* ou *Kantha Padma* ou *Shodasha Dala* ou Laríngeo; o *Ajna* ou *Bhru Madhya* ou *Dvidala Padma*; o *Soma* ou *Amrita* ou *Indu* ou Cerebral ou Frontal; e o *Sahasrara* ou *Shunya* ou *Niralambapuri* ou Coronário.

Enquanto as *nadi* também apresentam subdivisões de acordo com o seu fluxo de energia, as chamadas de principais são em número de quatorze: *Sushumna*; *Ida*; *Pingala*; *Gandhari*; *Hastajihva*; *Yashasvini*; *Pusha*; *Alambusha*; *Kahu*; *Shankhini*; *Sarasviti*; *Payasvini*; *Varuni*; e *Vishvodara*.

Ao se localizar no Corpo Físico, pela ação do Agente Modelador, o *Chakra* se torna menos sutil e se manifesta na forma de sistemas.

A exemplo do que ocorre no Corpo Ener-

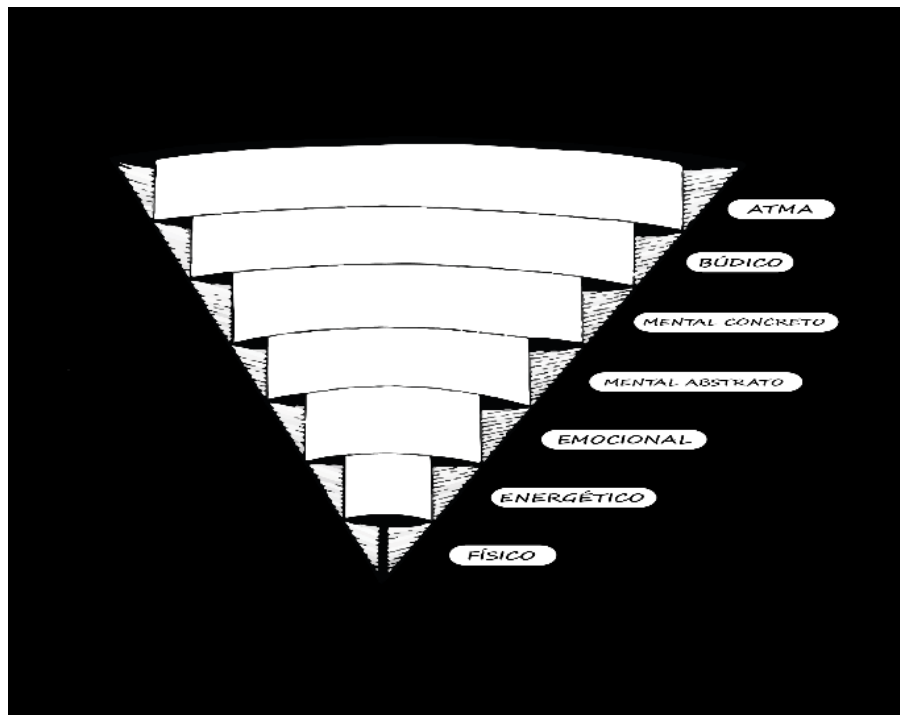
gético, que possui “Tela Etérica” ou “Tela Búdica” como “filtros”, o Corpo Físico possui o sistema imunológico e o linfático, que desempenham a mesma função. As *nadi* se manifes-85

tam como os sistemas cardiovascular, o digestório, o nervoso, o esquelético, o endócrino e o muscular. Já os sistemas sensorial, excretor, urinário e reprodutor³¹ atuam como os *chakra* que unem o Corpo Físico ao próximo Corpo Existencial mais denso, o Planeta.

O Planeta, por sua vez, também possui suas *nadi* (que recebem o nome de Linhas *Ley*), e seus *chakra* (que recebem o nome de *Nodos* ou *Mecas*), que unem os Corpos Existenciais do Planeta e auxiliam na sua jornada de sutilização, na qual o Planeta se liberta de seus Corpos Existenciais mais densos, mantendo os mais sutis³².

31 O sistema reprodutor também tem atuação de *chakra*, pois, por intermédio do sistema reprodutor é que outro Eu pode se manifestar no Planeta, contribuindo não só com a sua jornada existencial, mas também com a do Eu que está encarnado no Planeta.

32 Tal processo de sutilização do Planeta é conhecido por alguns como “transição planetária” e faz com que o Eu “encarnado” no Planeta comece a se tornar mais consciente de que ele é parte integrante de um todo, do seu Sistema Planetário, aproximando-o, cada vez mais e à medida que se sutiliza, dos outros Planetas, incluindo da Estrela em torno da qual orbita, tendo em vista que esta também é um Planeta, porém em estado bem mais sutilizado do seu grupo.



À medida que o Sistema Planetário se sutiliza, ele também passa por transformações, transmutando-se infinitamente em outros corpos mais sutis, como os observados pelos astrônomos modernos em sua classificação da evolução estelar, que culmina em um Buraco Negro, um *chakra* que une esse Corpo Existencial ao estágio no qual o Eu será submetido às experiências vivenciadas no Reino Mineral “encarnado” diretamente em um corpo mineral; depois no mineral que se encontra dentro do reino vegetal; depois no mineral que se encontra dentro de um corpo do reino animal; depois no mineral que se encontra dentro de um corpo do reino hominal; para então vivenciar as experiências diretamente no Reino Vegetal; depois um aspecto vegetal dentro do reino animal; depois no aspecto vegetal dentro do reino hominal e assim sucessivamente, passando, inclusive, pelo aspecto hominal dentro do reino angelical, na Senda Infinita, no eterno e natural caminho sem começo e sem fim, no *Sanatana-Dharma*.

Assim, no interior de cada Corpo Existencial, habitam infindáveis Eus, que veem aquele Corpo Existencial como o Absoluto, como Aquele que É, como Deus, pois “vós sois deuses”.

LIVRE-ARBÍTRIO

O Livre-Arbítrio é o atributo do Eu que o permite realizar a escolha de qual caminho seguir. Contudo, diferentemente do que muitos acreditam, ele não permite ao Homem fazer o que deseja de forma tão livre e autônoma, mas estabelece parâmetros dentro dos quais a escolha do caminho é feita.

Para compreender o Livre-Arbítrio, deve-

se entender que todas as aparentes escolhas se limitam a duas: escolher entre o caminho da sutilização, de estar no *Dharma*, e o da manutenção da condição na qual se encontra. E a decisão de qual caminho seguir é sempre feita sob a influência de outros dois atributos: o Instinto e a Intuição.

O Instinto está associado ao *Karma* passado, ele é o resultado de todas as experiências pretéritas, tanto do ponto de vista individual, quanto do ponto de vista coletivo. A influência do *Karma* individual e do *Karma* coletivo, seja da espécie, da região, ou mesmo do planeta, varia de acordo com o estágio de Consciência no 88

qual o Eu se encontra. Quanto mais próximo ao Eu Inferior, maior a influência dos *Karma* coletivos, enquanto que quanto mais próximo ao Eu Superior, maior será a influência do *Karma* individual.

Já a Intuição está relacionada com as influências que vêm diretamente do Corpo Átmico e são melhor processadas no Corpo Mental Abstrato. Por este motivo, acaba-se por acreditar, equivocadamente, que apenas aqueles que se encontram no reino hominal possuem o Livre-Arbítrio, visto que o Corpo Mental Abstrato se torna mais atuante nesse reino.

Apesar de ser mais influente a partir do reino hominal, o Corpo Mental Abstrato, assim como os Corpos Existenciais mais sutis também atuam sobre e influenciam todos os reinos, contudo, em proporções distintas, de acordo com o grau de sutileza de cada um deles. Isso porque o Corpo é criado pela ação do Agente Modelador do seu aspecto mais sutil para o mais denso, fazendo com que o Corpo Físico receba a influência de todos os Corpos Existenciais mais sutis do que ele.

Sob o efeito desses dois atributos, o Instinto e a Intuição, é feita a escolha de qual caminho seguir na Senda Existencial: cumprir o *Dharma* ou atrasar o seu cumprimento. E essa escolha é o Livre-Arbítrio.

O cumprimento do *Dharma* é inexorável, contudo, ele não depende do tempo, mas sim da atitude, da ação praticada em função do Livre-Arbítrio. E, por intermédio do Livre-Arbítrio, o *Karma* atua de forma a conduzir ao *Dharma*.

90

ESCADA DE JACÓ

A alegoria da escada, na qual cada degrau corresponde a um nível de consciência, embora não represente realmente os diferentes estágios nos quais cada Eu se encontra, serve para ilustrar o conceito macro dessa ilusória divisão de estágios de consciência.

Assim, no primeiro nível da escada se encontram todos os Eus Inferiores; no último nível, os Eus Superiores; ao passo que nos infinitos degraus estão todos os estágios de consciência intermediários que o Eu pode experimentar, fazendo com que todos os Eus estejam alocados em seus respectivos degraus e que todos os infinitos degraus estejam ocupados pelo grupo de Eus que lhe corresponde.

Porém, diferentemente do que muitos

acreditam, todos esses Eus espalhados por esses infinitos degraus encontram-se interligados, pois são parte integrante do Absoluto e, quer tenham consciência disso ou não, fazem parte de um intrincado sistema de auxílio mútuo.

91

Aqueles que se encontram no mesmo degrau compartilham os mesmos tipos de situações, visando adquirir a experiência necessária para, por ressonância, alcançarem o degrau superior. Contudo, as situações nas quais se encontram não estão isoladas, fazendo parte de um sistema no qual recebem o auxílio daqueles que se encontram no degrau imediatamente superior, que, por intermédio, principalmente do exemplo, os orientam³³.

33 Muitos acreditam equivocadamente que auxiliar o próximo significa resolver a situação na qual o outro se encontra, como um pai que, ao invés de auxiliar um filho em seu dever de casa, simplesmente o resolve, sem deixar que o filho possa experimentar, pela tentativa e erro, alcançar a sua resolução. “Resolver” uma situação para o próximo lhe é extremamente prejudicial, pois, além de não aprender a resolver aquela situação, acaba por criar o conceito de que as situações, vistas como problemáticas de onde se encontra, podem ser solucionadas por outros e não por ele mesmo. Isso faz com que o

“ajudado” permaneça estagnado naquele degrau, fadado a vivenciar aquela situação com roupagens diferentes, até encontrar a compreensão dentro de si e superá-la.

A jornada existencial não é cíclica, como muitos acreditam. Os ditos “problemas”, que nada mais são do que as situações vivenciadas em cada degrau, apenas se repetem enquanto o Eu ainda se encontra naquele degrau e, por isso, no mesmo nível daquela ilusória situação e pode vivenciá-la. Ao passo que se muda de degrau, aquela situação deixa de ser vivenciada e, conseqüentemente, deixa de existir para o Eu, mostrando-se 92

Conforme vão sendo orientados por aqueles que se encontram no degrau superior, também orientam aqueles que se encontram no degrau imediatamente inferior, criando um infinito fluxo de vitalidade e transmutação, com cada um desempenhando a sua função³⁴ e aprendendo com aqueles que se encontram no degrau superior, no inferior e no mesmo degrau.

Entretanto, como nenhum Eu se apresenta

de forma monodimensional, uma vez que manifesta uma ampla gama de características decorrentes dos infinitos graus das polaridades dos atributos que nele atuam, ele não se encontra em apenas um degrau nessa escada alegórica, mas em tantos degraus quanto os números como realmente é, uma ilusão com a capacidade de criar a experiência necessária para, por ressonância, se deslocar na Consciência.

34 O desempenho da função que lhe corresponde para cada situação é o que faz com que tudo flua naturalmente, como, por exemplo, numa sala de aula, na qual o professor tem a função de conduzir a aula, e não de ensinar como muitos acreditam; enquanto os alunos têm a função de auxiliarem na condução da aula. Quando o professor conduz e os alunos auxiliam, a aula flui de forma com que todas as

partes integrantes consigam absorver o conhecimento de que, naquele momento, necessitam.

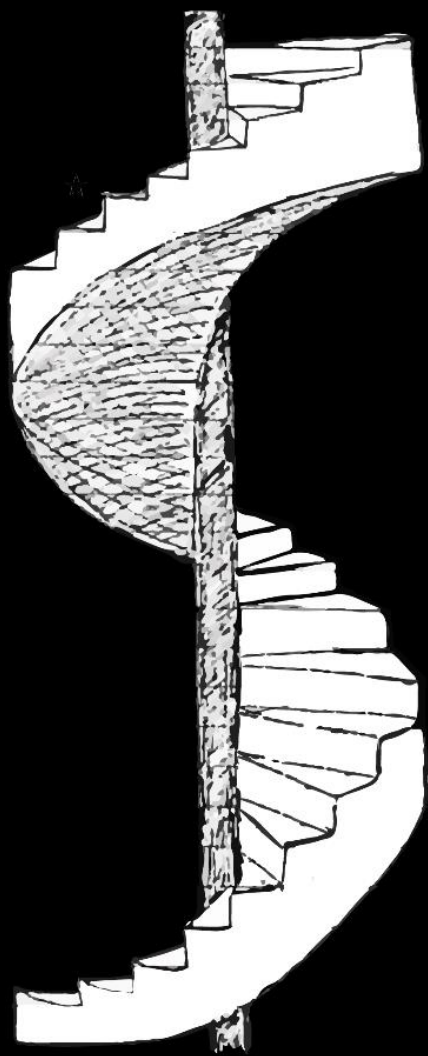
93

de características que manifesta, fazendo com que cada Eu seja único, de acordo com o *Dharma* que lhe é próprio.

Desta forma, o Eu se encontra em infindáveis escadas. Em cada uma delas, em um degrau diferente, interagindo com aqueles que se encontram nos mesmos degraus, sendo auxiliado por aqueles que se encontram nos degraus imediatamente superiores e auxiliando aqueles que se encontram nos degraus imediatamente inferiores.

A média desses infinitos degraus e a diferença entre os graus das polaridades dos atributos são o que estabelecem o Mundo de Existência no qual o Eu necessita estar para experimentar as situações indispensáveis para, por ressonância, se deslocar na Consciência.

94



FORMAÇÃO ESTELAR

À medida que o Agente Modelador passa

a atuar no Tecido Elementar, ele molda, no Grande Plano Mental, o Princípio Inteligente, partícula elementar de tudo que compõe o Grande Plano Mental e, conseqüentemente, é responsável por toda a manifestação que ocorre no Grande Plano Físico.

No polo oposto, o Eu atua unindo o Prin-

cípio Inteligente, dando origem a novas Formas-Pensamentos e, conseqüentemente, a novas manifestações no Grande Plano Físico.

Ao unir o Princípio Inteligente, o Eu começa o processo de estruturação de Formas-Pensamento que se manifestam, em determinado estágio, no Grande Plano Físico como nu-vens de gases. Com a intensificação da ação unificadora, buscando aglutinar todas as Formas-Pensamento que ali se encontram, alcança-se um novo estágio de Consciência, a formação estelar.

Em situações nas quais a ação unificadora do Eu exerce forte predominância sobre a ação 96

do Agente Modelador, origina-se apenas uma estrela, a qual passará por todos os estágios da sua jornada existencial, estudada no campo do Grande Plano Físico amplamente pela Astronomia, até transmutar-se, juntamente com outras Formas-Pensamento similares, e dar origem à Forma-Pensamento que anima o reino mineral.

Porém, raramente a ação unificadora do Eu prevalece de forma tão grande à ação do Agente Modelador, e, por isso, outros caminhos são trilhados, caminhos por meio dos quais se formam, por exemplo, dois núcleos de consciência³⁵ (em fenômeno conhecido como estrelas binárias), ou mesmo situações nas quais há um núcleo maior de consciência e diversos núcleos menores, em um fenômeno conhecido como Sistema Planetário.

O Sistema Planetário nada mais é do que

um único organismo que se encontra em processo de depuração, com as suas *nadi*, que se apresentam como as eclípticas e demais forças que mantêm o sistema coeso; com seus *chakra*, 35 Aos estágios da Consciência nos quais o Eu se percebe como esses núcleos de

consciência, dão-se o nome de Planeta.

97

que se manifestam como os “buracos de mi-nhoca” ou “Pontes de *Einstein-Rosen*” e como as outras formas de expulsão de elementos para fora do sistema, e de atração de elementos oriundos de regiões externas ao sistema.

Entretanto, por ainda não se encontrar to-talmente integrado, ocorre que algumas partes desse organismo se percebem como organismos únicos, mas que se encontram em um processo de interdependência com os outros organismos do seu sistema³⁶. Dessa forma, tal como a Escada de Jacó, cada parte do Sistema Planetário atua de acordo com a sua função e o degrau no qual se encontra, estando o Planeta principal³⁷ desse Sistema Planetário servindo de guia para os demais Planetas do Sistema.

36 De forma similar ao que acontece com o homem, que, muitas das vezes, se vê como um ser único, mas dentro de um processo de interdependência dos outros homens, sem se dar conta de que ele faz parte de um organismo maior, a Humani-dade.

37 No caso do sistema solar, ao planeta principal desse sistema dá-se o nome de Sol. O *Dharma* de todo sistema planetário, seja ele qual for, é tornar-se uma única estrela e, por fim, formar o princípio inteligente que se manifesta no reino mineral.

98



Conforme se depuram os estágios de

consciência dos elementos que compõem o Sistema Planetário, processos de transformação ocorrem e os elementos começam a se fundir, pela ação do Eu, dando forma a novos organismos, novos estágios no processo de transformação e sutilização estelar.

99

PLANETA

Planeta é o nome dado a um estado de consciência do Eu na formação estelar. Esse estado possui gradações e pode se manifestar como a Estrela em si, em seus diversos estágios existenciais, ou como o que se chama comumente de planetas, em seus diversos estágios.

Independente do estágio no qual se encontra, a formação do Planeta se dá pela atuação de infinitos fatores, dentre os quais se podem destacar alguns.

O mais importante são as situações vivenciadas diretamente pelo Planeta, tendo em vista que a jornada existencial é do Eu que ali se encontra e, por isso, ele deve vivenciá-las de forma a encontrar a ressonância necessária para se deslocar na Consciência.

Um segundo fator de destaque está asso-

ciado à relação do Planeta com aqueles Planetas que se encontram em degraus superiores e inferiores ao seu.

100

E por fim, a relação do Planeta com Eus que se encontram em outros estágios de Consciência e que, em virtude destes estágios, necessitam passar por experiências que são proporcionadas pelo Planeta no estágio no qual ele se encontra, manifestando-se nos diversos Corpos Existenciais do Planeta. Da mesma forma com que o Planeta auxilia na jornada desse Eu que ali encarna, este auxilia na jornada do Eu que se manifesta como Planeta, contribuindo para a transformação dos seus Corpos Existenciais³⁸.

Além desse grupo de Eus, também existe

aquele que se encontra em outro estágio de Consciência, no qual, pela utilização do Amor, passa a atuar de forma a organizar e manter a coesão na manifestação de grupos de Eus, no que se chama comumente de Psiquismo Diretor.

Assim como ocorre no Eu que se encontra

encarnado como homem, o Planeta também possui Corpos Existenciais³⁹, sendo criado em 38 Um exemplo básico dessa contribuição encontra-se no estudo das egrégoras.

39 “O que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”.

101

seu aspecto mais sutil, passando-se a brutalizar-se pela ação do Agente Modelador e, posteriormente, sutilizando-se novamente⁴⁰ até

integrar-se com o restante do Sistema Planetário, em um processo denominado de Transição Planetária.

40 “Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação”.

102

TRANSIÇÃO PLANETÁRIA Tal qual ocorre com a Existência, o Planeta também tem os seus períodos de sístoles e diástoles que provocam a diminuição e o aumento do fluxo de Vitalidade que recebe pelos *chakra* e são distribuídos pelas *nadi*.

A Vitalidade inicia o seu fluxo em um período que recebe o nome de *Satya Yuga* 41. À medida que o fluxo de Vitalidade diminui, um novo período se inicia, chamado de *Treta Yuga* 42. Continuando a diminuir, dá-se origem a terceiro período, o *Dwapara Yuga* 43. E, com a constante diminuição do fluxo, um quarto período se inicia, o *Kali Yuga* 44, um período no qual a Vitalidade quase não alcança o Planeta.

Atingindo o seu ponto de menor fluxo de

Vitalidade no final do *Kali Yuga*, tem-se início a diástole, fazendo com que o Planeta percorra, 41 Também chamada de *Sat Yuga* ou *Krita Yuga* ou *Krita Yuga* ou Era de Ouro.

42 Também chamado de *Trétha Yuga* ou Era de Prata.

43 Também chamado de *Dvapara Yuga* ou Era de Bronze.

44 Também chamado de Era de Ferro.

103

agora em sentido inverso, o *Kali Yuga*, o *Dwapara Yuga*, o *Treta Yuga* e o *Satya Yuga*, quando, ao final deste último período, alcançará o ponto de maior fluxo de Vitalidade⁴⁵ e dará início a uma nova sístole. A esse sucessivo processo de sístoles e diástoles⁴⁶ do Planeta dá-se o nome de Transição Planetária⁴⁷.

Estes fluxos e refluxos de Vitalidade são os responsáveis por permitir que o Planeta ex-perimente a ilusória transitoriedade do seu estado e se depure, percorrendo a trilha do seu 45 Sabendo que “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”, também é possível se verificar este ciclo de sístole e diástole em outras escalas existenciais, como a apresentada com o passar das estações do ano, as etapas do dia, a Roda de *Samsara* ou ciclo das encarnações etc.

46 “Tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação”.

47 A Transição Planetária é o conjunto de ciclos de sístoles e diástoles da Vitalidade no Planeta, permitindo a sua transformação de maneira a seguir o seu *Dharma* e, como “o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima”, também é possível se verificar esse conjunto de ciclos em outras escalas existenciais, como a apresentada no reinício do movimento de translação do Planeta.

104

Dharma, naquilo que ele é, o Absoluto mani-festo.

O ciclo se inicia no maior estágio do fluxo de Vitalidade, pois, além do fato de o movimento se iniciar no *seio* do Absoluto, é o momento no qual o Eu tem de captar a Vitalidade que será “colocada à prova” nos períodos posteriores, nos quais o fluxo é menor, de forma a fazer com que o Eu compreenda aquilo que foi captado⁴⁸.

A Vitalidade se desloca pelo Planeta por intermédio dos seus *chakra* e das suas *nadi*. Durante o período de sístole, uma quantidade maior de Vitalidade deixa o Planeta em comparação com a quantidade de Vitalidade que chega; enquanto no período diástole, uma quantidade maior de Vitalidade chega ao Planeta em comparação com a quantidade que sai.

48 De forma similar ao que ocorre no processo de se criar uma escultura com argila. Primeiro se utiliza uma porção de argila, que é moldada e o excesso é retirado, deixando apenas a base do que se visa construir. Depois, uma nova porção de argila é acrescentada, moldada e o excesso é retirado, para construir a estrutura da escultura. Esse

ciclo de acrescentar argila, moldar e retirar o excesso se repete até o objeto ser finalizado.

105

Essa Vitalidade que transita pelo Planeta se manifesta na forma de Eus que se encontram em estágios de maior ou menor sutilização, e que ainda necessitam de experimentar as situações proporcionadas pelo Planeta no qual irão encarnar.

Assim, durante o *Satya Yuga*, ocorre uma intensa chegada de Eus mais sutilizados, e no polo oposto, durante o *Kali Yuga*, há menor chegada de Eus mais sutilizados.

O fluxo de Vitalidade chega e deixa o Planeta via Sistema Planetário, tendo em vista que o Planeta é parte integrante de um organismo maior, assim como o próprio Sistema Planetário também o é, bem como tudo o que existe e o que não existe também faz parte de um organismo maior, o Absoluto⁴⁹.

49 Pois “enquanto Tudo está no Todo, é também verdade que o Todo está em Tudo”.

106



VITALIDADE

A Vitalidade é o atributo do Absoluto responsável por animar tudo o que existe e o que não existe. É o Tecido Elementar que sofre a atuação do Agente Modelador, dando origem a toda a criação. Tudo o que existe e o que não existe é constituído de Vitalidade em diferentes estágios e, por isso, é vivo e está em algum grau na Consciência.

A Vida é a manifestação da Vitalidade e, por ser constituída de Vitalidade, tudo o que existe e o que não existe é vivo e não pode morrer, apenas se transformar, ou pela atuação unificadora do Eu ou pela separadora do Agente Modelador.

A Morte⁵⁰, de fato, inexistente, pois, para existir deveria ocorrer a ausência da vida, porém tudo o que existe e o que não existe é constituído de Vitalidade e, conseqüentemente, está vivo. Mesmo quando um Eu deixa de animar 50 A Morte a que se fala é a com significado de fim da Vida.

Contudo, a morte com significado de transformação, transição existe em infinitos estágios da existência.

108

um Corpo Existencial, a morte inexistente, uma vez que naquele Corpo Existencial ainda há vida, pois, outros Eus ali se encontram animando os elementos que o constituíram.

109

ASPECTOS DA EXISTÊNCIA Tudo o que existe e o que não existe nada mais é do que a forma manifesta do Absoluto se apresentando de acordo com o estado da Consciência no qual está.

Toda manifestação possui três aspectos: *Tamas*, o aspecto negativo, passivo, noturno, escuro, feminino, frio, a reação, o silêncio; *Rajas*, o aspecto positivo, ativo, diurno, luminoso, masculino, quente, a ação, o som; e *Sattva*, o aspecto neutro, do equilíbrio.

Enquanto *Rajas* e *Tamas* se apresentam como polos opostos de uma manifestação, *Sattva* é o equilíbrio entre os dois pelo qual aquela manifestação entra em sintonia com o Absoluto e consegue se deslocar, por ressonância, na Consciência.

A interação entre os três aspectos se dá de forma similar à de um pêndulo simples, no qual o pêndulo é o Eu; o fio no qual o pêndulo está preso é a Consciência; o pivô é o Eu Superior; a força que movimenta o pêndulo para um lado é *Rajas*; a força que o movimenta para o lado 110

oposto é *Tamas*; a posição de equilíbrio é o *Sattva*; enquanto que a posição na qual o pêndulo se localiza no sistema é a sua realidade ilusória. O tamanho da elongação⁵¹ varia de acordo com o estado da Consciência no qual o Eu se encontra: quanto mais próximo ao Eu Inferior, maior é a elongação, ao passo que, quanto mais próximo do Eu Superior, menor é a elongação.

Independentemente da localização do Eu

nesse sistema pendular, da sua realidade ilusória, os três Aspectos da Existência nele se manifestam, mas com intensidades diferentes.

Sendo o deslocamento entre *Rajas* e *Tamas* decorrente da utilização do Ódio, ao fazer uso do Amor e alcançar o *Sattva*, o Eu pode transformar a sua realidade ilusória.

Compreendendo que o Grande Plano Fí-

sico é a manifestação do Grande Plano Mental, pela utilização do Amor e do Ódio, o Eu pode dar origem às formas-pensamento, sendo certo ⁵¹ Elongação é a coordenada que determina o distanciamento do objeto do seu ponto de equilíbrio, sendo essa coordenada contida na amplitude do sistema.



que estas se manifestam no Grande Plano Físico transformando a realidade ilusória na qual o Eu se encontra.

112

HOMEM

O Homem é um dos estados transitórios

no qual o Eu se manifesta e, como tudo o que existe e o que não existe, é composto por infinitos Eus, cada um em um estágio distinto da Consciência e responsável por reger um ponto específico da constituição do Homem.

No núcleo do Homem existe um Eu Cen-

tral, que é o responsável por reger a orquestra de Eus que compõe o Homem, aplicando o Amor para que toda a estrutura se mantenha coesa. Ao seu redor, infinitos Eus se encontram, alguns em estágios mais sutis da Consciência, compondo os estágios do Psiquismo Diretor que atuam sobre o Homem; além de outros em estágios menos sutis em comparação ao Eu Central, compondo os elementos básicos que constituem o Homem. A esse conjunto de Eus centrados em um Eu Central dá-se o nome de Persona.

Em cada Persona, infinitos Eus com seus

Livres-Arbítrios atuam vivenciando as situações 113

necessárias para o deslocamento por ressonância na Consciência, fazendo uso do Amor e do Ódio. Na condição de núcleo do Homem, um dos estágios do Psiquismo Diretor, o Eu Central deve se conectar aos Eus mais sutis para receber a orientação necessária à sua transformação, bem como orientar os menos sutis, seguindo a Escada de Jacó e estabelecendo a harmonia necessária para a utilização, para percorrer o *Dharma*.

114

RODA DE SAMSARA

Tal qual ocorre com o Planeta, a Existência e a tudo o que existe e o que não existe, todos os Eus que integram o Homem também têm os seus ciclos de sístoles e diástoles, inclusive o Eu Central. E, tal qual ocorre em todos os estágios de Consciência, o Eu Central inicia o seu ciclo no ponto de maior Vitalidade e, consequentemente, de maior estado de utilização.

Quando atinge o seu ponto de menor fluxo de vitalidade, no ápice da sístole, o Eu Central do Homem perde a capacidade de manter coesa toda a estrutura que dá forma ao Homem, e aqueles Eus que compunham os elementos básicos da constituição do Homem são redistribuídos pelo sistema em que se encontram, de acordo com o seu estado de Consciência.

Iniciando o período de diástole, o Eu Central começa a receber mais Vitalidade, e, por isso, aumenta a sua capacidade de atrair novos Eus

elementares, dando forma a outro organismo, a outra Persona.
Quando essa Persona 115

se encontra inteiramente formada no ponto de maior fluxo de Vitalidade, de maior sutileza possível para este organismo, no ápice da diástole, tem início o período de sístole.

Durante o período de sístole, em decorrência da mudança do fluxo de Vitalidade, a Persona se torna menos sutil e, por isso, começa a transitar entre Mundos Existenciais, passando a experimentar as situações desses Mundos, compatíveis aos Corpos Existenciais de que principalmente faz uso. A esse processo, que acompanha o período de sístole, costuma-se dar o nome de Encarne e, em contrapartida, ao período de diástole, dá-se o nome de Desencarne.

A Persona que durante o período de sís-

tole ou Encarne manifesta-se, sobretudo, fazendo uso de um Corpo Físico, e durante o período de diástole ou Desencarne, sobretudo fazendo uso de um Corpo Energético.

Tanto o Encarne ou sístole, quanto o De-

sencarne ou diástole, são períodos nos quais a Persona manifesta-se simultaneamente em dois Corpos Existenciais com estados de sutileza 116

próximos, como o Corpo Físico e o Corpo Energético, e por consequência, coexiste em dois Mundos Existenciais, como o Mundo Físico e o Mundo Energético⁵².

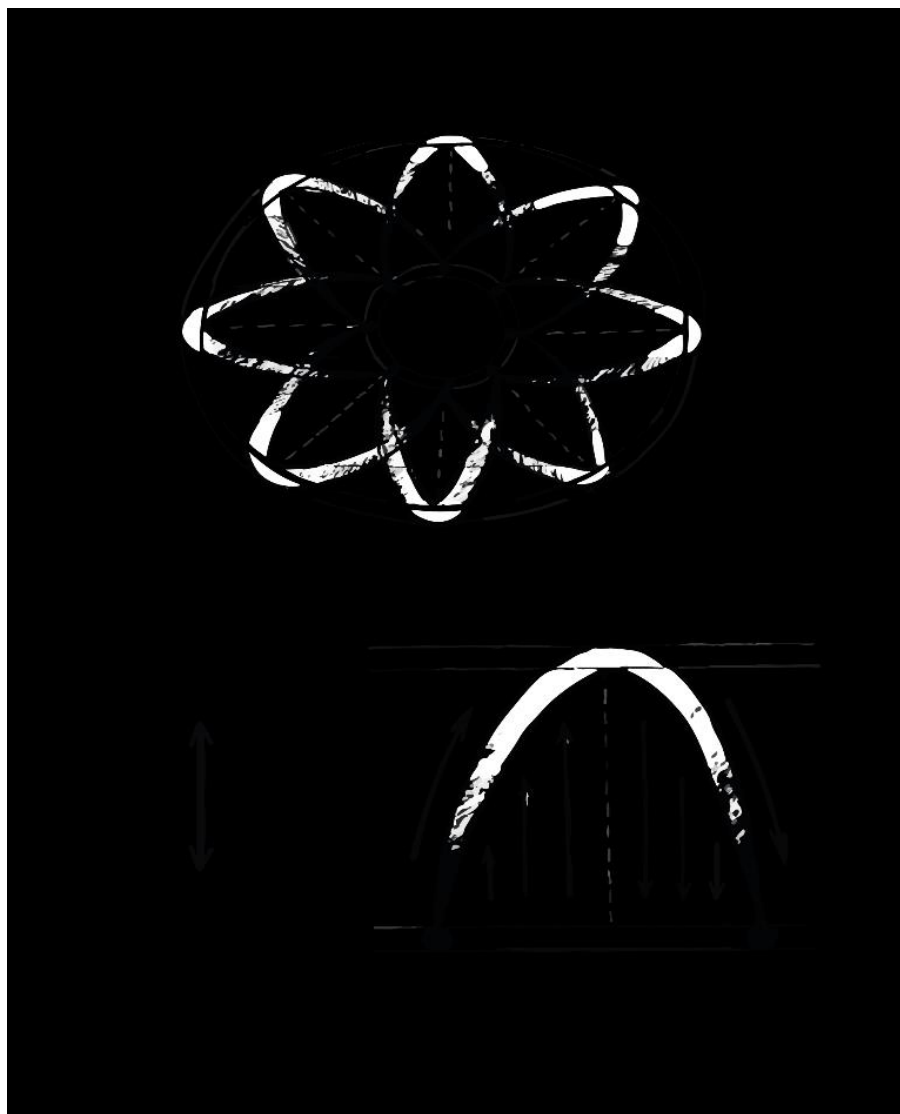
No início do período de sístole ou Encarne, o Corpo Existencial mais sutil se encontra em zênite e o menos sutil em *nadir*. Durante esse período, o mais sutil entra em ocaso, ao passo que o menos sutil inicia a sua aurora.

E no início do período de diástole ou Desencarne, o Corpo Existencial menos sutil se encontra em zênite e o mais sutil em *nadir*. Durante esse período, o menos sutil entra em ocaso à medida que o mais sutil inicia a sua aurora, como duas ondas sobrepostas e que possuem a mesma frequência e amplitude, mas em oposição de fase.

52 Em que pese a utilização do termo Mundo Energético, como ocorre

com o Absoluto e com tudo o que existe e o que não existe, o nome em si não é relevante e, por isso, o Mundo Energético também, como acontece em algumas culturas, pode receber o nome de Umbra ou Umbral, Mundo Espiritual, Submundo, Salão das Duas Verdades, o Mundo das Sombras, Mundo dos Mortos, a Sombra Aveludada, Mundo Inferior etc.

117



PSIQUISMO DIRETOR

O Psiquismo Diretor é um dos atributos dos elementos que constituem o Grande Plano *Atman*, sendo responsável pelos infinitos padrões adotados por tudo o que existe e o que não existe, seja no Grande Plano Mental, seja no Grande Plano Físico, e que visam, tão somente, promover a integralidade da manifestação.

Para experimentar o Mundo de Existência, cada Eu, ilusoriamente, é submetido à atuação de elementos integrantes dos Grandes Planos de Existência, de acordo com o estado de Consciência no qual se encontra. Ao ser submetido ilusoriamente aos elementos do Grande Plano *Atman*, o Eu passa a adotar características desse plano existencial, à medida que se encontra mais identificado com cada Mundo Existencial.

O Eu mais próximo ao Eu Inferior gera um padrão mais simples, enquanto o Eu mais próximo ao Eu Superior dá origem a um padrão mais complexo, e tudo que se manifesta no Grande Plano Físico e no Grande Plano Mental 119

decorre de uma amálgama dos padrões originados no Grande Plano *Atman*.

Essas amálgamas que se manifestam no Grande Plano Físico seguem parcialmente a classificação taxonômica⁵³, sendo que cada Clado⁵⁴ tem origem em um Eu.

Apenas para ilustrar, a manifestação de uma Persona só é possível em virtude da atuação de elementos do Grande Plano *Atman* no Eu Central, que estabelece o padrão daquela Persona. São infinitos os Eus em estados mais próximos do Eu Inferior que do Eu Central, os responsáveis pelos padrões mais simples que compõem aquela Persona, como, por exemplo, a habilidade de andar, respirar, sentir etc.

Do mesmo modo, são infinitos os Eus em

estados mais próximos ao Eu Superior que do Eu Central, responsáveis por padrões mais 53 Modelo de classificação científica adotado pela biologia para agrupar espécies de seres de acordo com as suas características morfológicas, mas que deixa de englobar a vida que se manifesta no reino mineral, por exemplo.

54 Clado ou ramo é o nome dado cientificamente a um grupo de organismos originados de um único e exclusivo ancestral comum.

120

complexos, como, por exemplo, a forma humana, as características físicas típicas de um povo, os padrões culturais, a compreensão do Todo, a manifestação no Planeta, a correlação com o Sistema Planetário etc.

121

A HERESIA DA SEPARATIVIDADE

Tudo o que existe e o que não existe é uma forma manifesta do Absoluto, sendo uno com Ele e integrado de forma indissociável aos demais aspectos da manifestação.

Contudo, em decorrência do apego às for-

mas ilusórias com as quais a manifestação se apresenta, tem-se origem a Heresia da Separatividade, a ilusória ideia de que a manifestação é separada de maneira autônoma do restante da manifestação, e, assim, tem origem todos os conflitos e sofrimentos ilusoriamente experimentados.

No Homem, é a Heresia da Separatividade que o faz utilizar, como fonte de conflitos, ilusões como raça, nacionalidade, regionalismo, posição social, estética física, origem étnica, ter ou não um determinado objeto etc. É

ela a responsável por fazer com que alguns homens se vejam como o ápice e que toda a manifestação tem de ter uma funcionalidade que lhes seja útil e não como parte integrante do Todo, ao invés de buscarem servir ao Todo.

122

Essa funcionalidade se manifesta das mais diversas formas possíveis, por exemplo, ao observar uma árvore se indaga para que ela serve.

Alguns dirão que é para dar sombra; outrem, para dar oxigênio; aqueles, para servir de material para a fabricação de móveis; o próximo, para dar frutos, mas todos fazem uma análise baseada na serventia para a qual veem a árvore, e não para o que ela realmente serve, que é para ser árvore.

É o mesmo pensamento que faz com que

alguns estabeleçam relacionamentos sociais, pois veem as demais Personas não como Personas em essência, mas como algo que lhes pode ocupar um espaço vazio na sua “coleção de itens”. Ao deixarem de cumprir determinada função, são descartados, fazendo com que se estabeleça uma relação pautada em aspectos menos sutis, como os manifestados exteriormente, a exemplo de possuir dinheiro e da atratividade física; ou aqueles relacionados ao que o outro pode lhe proporcionar na esfera psíquica, como 123

lhe fazer bem⁵⁵; ou o *status* de se estar em um relacionamento. É pensar “*o que posso retirar disso?*”, e não “*o que posso contribuir para isso?*”⁵⁶.

É não ter sentimento verdadeiro e sim um falso sentimento, que tem origem em autoindulgência, autoaprimoramento ou autoproteção.

É a Heresia da Separatividade que dá origem ao Ego, isto é, a vinculação do Eu com aspectos da manifestação menos sutis de forma a se confundir o Eu com esses aspectos, fazendo com que o Eu acredite que é o Corpo Físico e, por isso, busque por coisas relacionadas a este Corpo. Há, ainda, os que acreditem que são emoções e procurem por

experiências relacionadas a elas; outros, o intelecto, e visem situações relacionadas ao conhecimento e à racionalidade. Contudo, ao compreender que é parte 55 Em um Relacionamento, o outro irá fazer bem ao um. Contudo, esse receber o bem não é a finalidade do Relacionamento, mas algo que o compõe.

56 A diferença entre as duas perguntas é o que separa um pa-rasita, que vê o mundo como algo a lhe servir, de um simbio-nte, que se vê como algo que deve contribuir para o mundo.

Sendo que este mundo pode se manifestar de infinitas formas, como o planeta em si, um país, um estado, uma cidade, um bairro, uma família, um grupo de amigos, um condomínio, uma sala de aula, um relacionamento etc.

124

integrante do Todo, assume o comportamento de apenas ter experiências relacionadas ao Todo e, por isso, está no seu *Dharma*.

Ao analisar a manifestação de forma separada e não como parte integrante de um processo, dá-se origem às dores e aos sofrimentos.

A dor e o sofrimento têm origem na ilusória tentativa de se tornar imutável aquilo que é mutável.

A encarnação é um processo mutável e quando se tenta ilusoriamente torná-la imutável, nasce o sofrimento causado pela ideia da morte. A encarnação é composta por fases mutáveis, e quando se tenta ilusoriamente tornar uma dessas fases imutável, nasce o sofrimento causado pelo envelhecimento.

A posse de bens materiais é transitória pelas características físicas desses bens e por se tratar de uma posse e não da propriedade, e quando se tenta ilusoriamente transformar essa posse em propriedade, nasce o sofrimento decorrente da perda desses bens materiais ou da possibilidade dela.

125

A presença física é mutável, pois os Corpos Físicos se desfazem, bem como há a ilusão da distância física, e quando se tenta tornar a presença física imutável nasce o sofrimento causado pela saudade⁵⁷. O descendente, que também se encontra encarnado, percorre as fases

mutáveis da encarnação, e quando se tenta ilusoriamente tornar a sua infância perpétua, nasce o sofrimento provocado pela “síndrome do ninho vazio”, além dos sofrimentos sentidos pelo descendente, cuja essência não é vista pelos genitores.

A dor ou o sofrimento, quando finalizados, em regra, geram a sensação de Alívio e não o Prazer.

O Alívio é a sensação obtida com o término da causa da dor ou com o habituar-se àquela causa e não com a compreensão daquela 57 Ao se compreender que o estado de Consciência no qual se encontra é decorrente de todas as experiências pretéritas, situações vivenciadas junto a outros Eus, compreende-se que a saudade é uma ilusão, pois todos os Eus que já cruzaram a Senda Infinita percorrida pelo Eu, o marcaram de maneira indelével, contribuindo para ele se tornar Aquele que É. Assim, todos compõem o Eu e este, não importa o que aconteça, os terá eternamente em si.

126

realidade. Quando o objeto da saudade re-gressa fisicamente para perto do Eu, tem-se o alívio; quando se sente fome, comer gera alívio; quando se usa algo apertado, a sua retirada gera alívio; quando se perde alguma coisa, en-contrá-la gera alívio; quando se sente sono, dor-mir traz o alívio; quando se deseja possuir algo, adquirir aquele bem causa alívio.

Enquanto o Prazer⁵⁸ só é experimentado quando há a evocação da essência da manifestação, se percebe o Absoluto e se desfaz o ilusório véu que oculta o brilho essencial de toda manifestação, galgando os degraus da Escada de Jacó e se tornando o Eu Superior, que compreende a Verdade.

A dor, o sofrimento, o conflito, bem como tudo aquilo que se rotula de prejudicial, têm origem no desconhecimento da Verdade, de que tudo o que existe e o que não existe é a 58 O Prazer ou Felicidade é a plenitude experimentada quando o Eu está no seu *Dharma* e, por isso, não é algo a ser alcan-çado, mas vivenciado. A Felicidade ou o Prazer não é um prê-mio que se recebe, não é um fim a ser almejado, mas uma forma de se percorrer a Senda Infinita.

127

forma manifesta do Absoluto. Ao se compreender que a separatividade

é uma ilusão e que a unidade é a Verdade, o Eu se encontra no *Samadhi*, a Suprema Felicidade, na qual compreende que não é uma gota d'água no oceano, mas o próprio oceano.

128

COMPREENSÃO

Compreender significa viver aquilo que se sabe sem espaço para dúvidas ou quaisquer indagações mentais. É agir de forma fluida e sem retenção, por menor que seja, em consonância com o que se sabe. E apenas se alcança o estado de compreensão, quando se vive por intermédio do Livre-Arbítrio, no *Dharma*.

Ao se deparar com uma situação, o Livre-

Arbítrio permite ao Eu realizar uma escolha, optar por seguir o Instinto ou a Intuição. Op-tando pelo Instinto, seguirá o caminho das escolhas pretéritas, no qual é “vítima” das condições externas, dos comportamentos passados, sejam seus, da coletividade, da ilusão do acaso, de achar que toda a manifestação só existe por ele.

Contudo, ao optar pela Intuição, o Eu começa a ver a realidade na qual se encontra. Vislumbra que o acaso inexistente, visto que toda manifestação se encontra em sintonia. Questiona-se o que aquela situação simboliza. Busca o símbolo, e quando o encontra, entende o que gerou 129

a situação vivenciada; que o Eu é parte integrante da manifestação e não vítima; e que, por ser parte, pode aprender com a situação e transmutá-la.

Ao entender o que simboliza a situação, começa a enxergar o lugar das coisas na manifestação e a entender o significado desta; que tudo o que existe e o que não existe tem um propósito, incluindo o próprio Eu. Compreende que as situações vivenciadas são símbolos que, como tais, possuem um significado, um propósito. E, assim, passa a se manifestar segundo este propósito, distribuindo a todos o necessário para se alcançar o *Sattva* e, dessa forma, todos os envolvidos se deslocarem na Consciência.

Tendo em vista que o *Sattva* é o equilíbrio harmônico entre os opostos

Rajas e Tamas, ao vivenciar uma situação e passar a entender a causa, isto é, o aspecto da manifestação que ali predomina, desperta para aplicar o aspecto oposto: ao se deparar com o Ódio, aplicar o polo oposto, o Amor; ao se deparar com a into-lerância, fazer uso da tolerância; frente à agres-são, aplicar a mansidão; com a Incompreensão, 130

buscar a Compreensão. É fornecer o outro polo, a face oposta à que se manifesta naquele momento.

131

RELACIONAMENTO

Ao compreender a Verdade, o Eu deixa de

vivenciar a Heresia da Separatividade e se vê em um Relacionamento. Um estado no qual entende a essência de tudo o que existe e o que não existe, inclusive a própria, e passa a contribuir para o organismo como um todo, livrando-se das ilusões do ego, que estabelece a falsa necessidade de realizar algo visando o próprio interesse.

Relacionar-se é contribuir para a jornada do próximo sem autoindulgência, autoaprimoramento ou autoproteção, sem ego. É entender a essência da manifestação e fornecer aquilo que pode, visando o desenvolvimento do outro sem esperar nada em troca. E o ato de se relacionar está presente em todas as esferas da jornada existencial do Eu.

Ao olhar, por exemplo, uma árvore e se li-vrar da Heresia da Separatividade, o Eu a vê como árvore e passa a atuar de forma com que a árvore possa se desenvolver em seu inteiro potencial, fornecendo água para irrigá-la, 132

adubo para melhorar os nutrientes do solo etc.

Da mesma forma, a árvore vê a manifestação ao seu redor, a compreende em essência e, por isso, livre de ego e sem desejar nada em troca, atua de forma a contribuir para o desenvolvimento da manifestação, fornecendo sombra, frutos, um ambiente mais ameno etc.

Ao olhar o Corpo no qual se manifesta, o Eu Central compreende que outros Eus ali se encontram em suas jornadas existenciais. Entende as suas essências e contribui para o seu desenvolvimento fornecendo os nutrientes para isso, em formato da prática salutar de exercício, alimentação e pensamentos.

Ao olhar a sociedade na qual a Persona se encontra, seja ela em qualquer formato que se manifeste⁵⁹, procurar o que pode oferecer à sociedade e não o que a sociedade pode lhe dar.

59 Sociedade familiar, de condomínio, de bairro, cidade, estado, país, empresarial etc.

133

GLOSSÁRIO

A

Absoluto, O = Todo, O = Aquele que É =

Deus = *Rahim* = *Elohim* = *Brahman* = *Nhanderuvuçu*: é uno, eterno, imóvel, imutável e perfeito.

Ádi: Plano de Existência.

Agente Modelador: um dos atributos do

“Tecido Elementar”.

Alívio: sensação obtida com o término da causa da dor ou com o habituar-se àquela causa e não com a compreensão daquela realidade.

Vide “Prazer”.

Amor: atributo do “Eu”, capaz de dissol-

ver a ilusão da separatividade e, conseqüentemente, reunir o que aparenta estar separado.

Apresenta-se nos seguintes aspectos:

Amor Eros;

Amor *Philos* = Amor Fraternal; e

Amor Ágape = Amor Incondicional.

134

Anandamaya Kosha: vide “Corpo Búdico”.

Annamaya Kosha: vide “Corpo Físico”.

Aquele que É: vide “Absoluto, O”.

Aquilo que existe e o que não existe: verdadeiramente, só o Absoluto Existe, enquanto tudo o mais é transitório, podendo existir em um determinado estágio da Consciência e não existindo em outros.

Ativar da *Kundalini*: canalização das energias dos corpos em direção a corpos mais sutis por intermédio do Amor Eros, em que pese o

aparente estado primitivo desse aspecto do

“Amor”.

Atmam: vide Corpo Átmico.

Atmú: vide Corpo Átmico.

Akasha: a experiência do Eu registrada no Corpo Búdico.

Akbú: vide “Corpo Mental Concreto”.

B

Bah: vide “Corpo Energético”.

135

Brahman: vide “Absoluto, O”.

Buddhi: vide “Corpo Búdico”.

Búddhico: vide “Corpo Búdico”.

C

Chakra: palavra de origem sânscrita que significa “roda”, no sentido de *círculo*, e seu nome foi dado em função da sua visão em um corte frontal. É através dele que os atributos ir-radiados pelo Corpo Átmico percorrem e ali-mentam todos os demais Corpos Existenciais, animando-os. Podem ser agrupados em:

chakras mínimos;

chakras menores;

chakras maiores;

chakras secundários;

chakras principais; e

chakras primordiais. Os primordiais subdividem-se em:

Muladhara ou *Adhara* ou Fundamental; 136

Svadhishthana ou *Adhishthana* ou *Shaddala* ou Genésico ou Sexual;

Manipura ou *Manipuraka* ou *Nabhi* ou Umbilical;

Esplênico;

Gástrico ou Solar;

Anahata ou *Hritpankaja* ou *Rirupana* ou Cardíaco;

Vishuddha ou *Kantha Padma* ou *Shodasha Dala* ou Laríngeo;

Ajna ou *Bhru Madhya* ou *Dvidala Padma*; Soma ou *Amrita* ou *Indu* ou Cerebral ou Frontal; e

Sahasrara ou *Shunya* ou *Niralambapuri* ou Coronário.

Clado = ramo: é o nome dado científica-

mente a um grupo de organismos originados de um único e exclusivo ancestral comum.

Classificação Taxonômica: modelo de

para agrupar espécies de seres de acordo com as suas características morfológicas, mas que deixa de englobar a vida que se manifesta no reino mineral, por exemplo.

Compreensão: viver aquilo o que se sabe

sem espaço para dúvidas ou quaisquer indagações mentais. É agir de forma fluida e sem retenção, por menor que seja, em consonância com aquilo o que se sabe. E apenas se alcança o estado de compreensão, quando se vive, por intermédio do Livre-Arbítrio, no *Dharma*.

Contradança: é uma dança de ritmo rápido e compasso binário, composto de várias seções de oito compassos que se repetem.

Corpo: é o veículo utilizado pelo Eu para passar pelas situações no Orbe ou Mundo de Existência, capazes de gerar a experiência necessária para o deslocamento na Consciência.

Subdivide-se em:

Corpo Átmico = *Atmam* = *Yechida* = *Atmú*

= Espírito Divino. Possui três atributos: Existência ou *Sat*;

Consciência ou *Chit*; e

138

Felicidade Inefável ou *Ananda*.

Corpo Búdico = *Buddhi* = *Búddhico* = *Shayah* = *Putah* = *Anandamaya Kosha* = Corpo Intuicional = Espírito de Vida;

Corpo Mental Abstrato = Corpo Mental Superior = *Manas Arrupa* = *Nechamah* = *Sab* =

Espírito Humano = Corpo Causal = *Vijnanamaya Kosha*. Subdivide-se em:

Mente Espiritual ou Super-Consciente: Vontade; e

Mente Intelectiva ou Consciente: Raciocínio.

Corpo Mental Concreto = Corpo Mental

Inferior = *Manas Rupa* = *Ruach* = *Akbú* = Mente

= *Manomaya Kosha*: Mente Instintiva ou Inconsciente;

Corpo Emocional = *Kama Sháira* =

Nephesch = *Khabá* = Corpo dos Desejos = Corpo Astral =

Psicossoma = Corpo Espiritual = Perispírito = *Kamamaya Kosha*;

139

Corpo Energético = Corpo Vital = Corpo Etérico = *Linga Sháira* =
Kusch há Guf = *Bah* =

Duplo Etérico = *Pranamaya Kosha*; e Corpo Físico = *Stulo Sháira* =
Guf = *Kha* =

Corpo Denso = *Annamaya Kosha*.

Corpo Causal: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Corpo Denso: vide “Corpo Físico”.

Corpo dos Desejos: vide “Corpo Emocional”.

Corpo Espiritual: vide “Corpo Emocional”.

Corpo Etérico: vide “Corpo Energético”.

Corpo Intuicional: vide “Corpo Búdico”.

Corpo Mental Superior: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Corpo Mental Inferior: vide “Corpo Mental Concreto”.

Corpo Vital: vide “Corpo Energético”.

140

D

Demiurgo: nome que alguns atribuem ao

“Agente Modelador” em seu estado mais sutil, o artesão que modela o Fluido Universal dando forma ao que existe e ao que não existe.

Desencarne: Processo de diástole, contrapartida do que se verifica no “Encarne”.

Deus: vide “Absoluto, O”.

Dharma: substantivo em sânscrito que não possui uma tradução literal, mas, por ter *dhr* como sua raiz verbal, significa *aquilo que sustenta algo*.

Duplo Etérico: vide “Corpo Energético”.

Dwapara Yuga = *Dvapara Yuga* = Era de Bronze: período do fluxo de Vitalidade compreendido entre o *Tetrâ Yuga* e o *Kali Yuga*.

E

Ego: identificação ilusória do Eu com os corpos que faz uso, graças à ilusão criada pelo Agente Modelador.

141

Elementais: nome que alguns atribuem ao

“Agente Modelador” em estado mais bruto.

Também é o nome que se atribui às formas menos complexas contidas no Plano da Mente Elemental (A).

Elohim: vide “Absoluto, O”.

Elongação: coordenada que determina o distanciamento do objeto do seu ponto de equilíbrio, sendo essa coordenada contida na amplitude do sistema.

Encarne: processo que acompanha o perío-

odo de sístole, no qual, em decorrência da mudança do fluxo de Vitalidade, a Persona se torna menos sutil e, por isso, começa a transitar entre Mundos Existenciais, passando a experimentar as situações dos Mundos Existenciais compatíveis aos Corpos Existenciais que, principalmente, faz uso. Vide “Desencarne”.

Era de Bronze = *Dvapara Yuga*: ver “*Dwapara Yuga*”.

Era de Ferro: ver “*Kali Yuga*”.

Era de Ouro = *Krita Yuga* = *Krta Yuga* = *Sat Yuga*: ver “*Satya Yuga*”.

142

Era de Prata = *Trétha Yuga*: vide “*Treta Yuga*”.

Escada de Jacó: alegoria consoante a qual cada degrau corresponde a um nível de consciência.

Espírito Divino: vide “Corpo Átmico”.

Espírito de Vida: vide “Corpo Búdico”.

Espírito Humano: vide “Corpo Mental

Abstrato”.

Eu: atributo da Consciência que possui a capacidade integralizadora.

Eu Central: existe no núcleo de qualquer coisa que pareça estar individualizada, responsável por reger a orquestra de Eus que compõe essa coisa, aplicando o Amor para que toda a estrutura se mantenha coesa.

Eu Inferior: aquele que acredita ser uma criatura individualizada e ainda apegada àquilo o que é bruto.

Eu Superior: aquele no qual habita um novo Eu, o Eu Coletivo, aquele que sabe o que 143

é, o Eu que sabe que tudo o que existe também faz parte dele e que ele está intimamente associado a tudo o que existe, como uma única coisa, como parte integrante, indissociável e indelével do Absoluto.

F

Fluido universal: vide “Tecido Elementar”.

G

Grande Plano *Atman* = Grande Plano Espiritual: a compreensão do Grande Plano *Atman* é praticamente impossível pelo Eu, por se encontrar em um Plano Existencial tão dispare em decorrência de seu estágio na Consciência, que apenas consegue vislumbrar alguns dos planos menores. Contudo, um dos atributos do Grande Plano *Atman* pode ser compreendido, o de organizar e dar estrutura às formas-pensamentos do Grande Plano Mental e que se manifestam no Grande Plano Físico.

Grande Plano Espiritual: vide “Grande Plano *Atman*”.

144

Grande Plano Físico: aquele no qual acontecem todos os fenômenos relativos àquilo que existe e ao que não existe, isto é, é nele que acontecem as manifestações físicas e mentais, incluindo todas as formas do que se chama de energia e força. Subdivide-se em:

Plano da Matéria (A);

Plano da Matéria (B);

Plano da Matéria (C);

Plano da Substância Etérea;

Plano da Energia (A);

Plano da Energia (B); e

Plano da Energia (C).

Grande Plano Mental: abrange as formas-pensamento. Subdivide-se em:

Plano da Mente Mineral;

Plano da Mente Elemental (A);

Plano da Mente Vegetal;

Plano da Mente Elemental (B);

Plano da Mente Animal;

Plano da Mente Elemental (C); e

Plano da Mente Hominal.

Guf: vide “Corpo Físico”.

H

Heresia da Separatividade: ilusória ideia de que a manifestação é separada de maneira autônoma do restante da manifestação, em decorrência do apego às formas ilusórias com as quais a manifestação se apresenta, e, assim, tem origem todos os conflitos e sofrimentos ilusoriamente experimentados.

Homem: é um dos estados transitórios no

qual o Eu se manifesta e, como tudo o que existe e o que não existe, é composto por infinitos Eus, cada um em um estágio distinto da Consciência e responsável por reger um ponto específico da constituição do Homem.

146

I

Instinto: está associado ao *karma* passado.

É o resultado de todas as experiências pretéritas, tanto do ponto de vista individual, quanto do ponto de vista coletivo.

Intuição: está relacionada com as influências que vêm diretamente do Corpo Átmico e são melhor processadas no Corpo Mental Abstrato.

J

Justiça divina = Justiça: equilíbrio.

K

Kali Yuga = Era de Ferro: quarto período do fluxo da Vitalidade.

Kama Shárirá: vide “Corpo Emocional”.

Kamamaya Kosha: vide “Corpo Emocional”.

Karma: tem origem no sânscrito e significa “ação”.

Kha: vide “Corpo Físico”.

147

Khabá: vide “Corpo Emocional”.

Krita Yuga = *Krta Yuga* = *Sat Yuga* = Era de Ouro: ver “*Satya Yuga*”.

Kundalini: vide “Ativar da *Kundalini*”.

Kusch há Guf: vide “Corpo Energético”.

L

Linga Shárirá: vide “Corpo Energético”.

Linhas *Ley*: *nadis* do Planeta.

Livre-Arbítrio: atributo do Eu que o permite realizar a escolha de qual caminho seguir.

Contudo, diferentemente do que muitos acreditam, ele não permite ao Homem fazer o que deseja de forma tão livre e autônoma, mas estabelece parâmetros dentro dos quais a escolha do caminho é feita.

M

Manas Arrupa: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Manas Rupa: vide “Corpo Mental Concreto”.

148

Manomaya Kosha: vide “Corpo Mental Concreto”.

Mecas: *chakras* do Planeta. Idem “Nodos”.

Mente: vide “Corpo Mental Concreto”.

Mundo de Existência: vide “Orbe”.

Mundo Energético = Mundo Espiritual =

Mundo das Sombras = Mundo dos Mortos =

Mundo Inferior = Umbra = Umbral = Submundo = Salão das Duas Verdades = Sombra Aveludada, a depender da cultura adotada.

N

Nadi: tem a raiz sânscrita *nad*, que significa “movimento”, dando a ideia de “correnteza”.

As chamadas de “Principais” subdividem-se em:

Sushumna

Ida

Pingala

Gandhari

Hastajihva

149

Yashasvini

Pusha

Alambusha

Kahu

Shankhini

Sarasviti

Payasvini

Varuni

Vishvodara

Nadir: ponto imaginário que se localizada na parte mais baixa da abóboda celeste. Vide Zênite.

Nechamah: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Nephesch: vide “Corpo Emocional”.

Nhanderuvuçu: vide “Absoluto, O”.

Nodos: *chakras* do Planeta. Idem “Mecas”.

150

O

Ódio: um dos atributos do “Agente Mode-

lador”. Apresenta-se nos seguintes aspectos: Ódio Obliterador;

Ódio Projeção; e

Ódio Repulsa.

Orbe = Mundo de Existência: conjunto de

trechos mais ou menos sutis que acabam se formando nos planos existenciais em decorrência da interpretação dos planos de existência, amalgamando-se uns com os outros, mas sempre levando em consideração os seus níveis de sutileza decorrentes da subdivisão do Absoluto. Subdivide-se em:

Mundo Material;

Mundo Energético;

Mundo Emocional;

Mundo Mental Inferior;

Mundo Mental Superior;

Mundo Búdico;

151

Mundo Átmico;

Mundo *Anupádaka*; e

Ádi.

P

Parasita: aquele que vê o mundo como algo a lhe servir. Vide “Simbionte”.

Perispírito: vide “Corpo Emocional”.

Persona: conjunto de Eus centrados em um Eu Central.

Prazer = Felicidade: só é experimentado quando há a evocação da essência da manifestação, quando se percebe o Absoluto na manifestação e se desfaz o ilusório véu que oculta o brilho essencial de toda a manifestação, galgando os degraus da Escada de Jacó e se tornando o Eu Superior, o que compreende a Verdade. Vide “Alívio”.

Psiquismo Diretor: é um dos atributos dos elementos que constituem o Grande Plano *Atman*, sendo responsável pelos infinitos padrões adotados por tudo o que existe e o que não 152

existe, seja no Grande Plano Mental, seja no Grande Plano Físico, e que visam, tão somente, promover a integralidade da manifestação.

Planeta: nome dado a um estado de cons-

ciência do Eu na formação estelar. Esse estado possui gradações e pode se manifestar como a Estrela em si, em seus diversos estágios existenciais, ou como o que se chama comumente de planetas, em seus diversos estágios.

Plano de Existência: vide “Ádi”.

Pranamaya Kosha: vide “Corpo Energético”.

Princípio de Causa e Efeito: toda Causa tem seu Efeito; todo Efeito tem sua Causa; tudo acontece de acordo com a Lei; o Acaso é simplesmente um nome dado a uma Lei não reconhecida; há muitos planos de causalidade, porém nada escapa à Lei.

Princípio de Correspondência: o que está em cima é como o que está embaixo, e o que está embaixo é como o que está em cima.

Princípio de Mentalismo: O TODO é

Princípio de Polaridade: tudo é Duplo; tudo tem polos; tudo tem o seu oposto; o igual e o desigual são a mesma coisa; os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em grau; os extremos se tocam; todas as verdades são meias-verdades; todos os paradoxos podem ser reconciliados.

Princípio de Ritmo: tudo tem fluxo e refluxo; tudo tem suas marés; tudo sobe e desce; tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda; o ritmo é a compensação.

Princípio de Vibração: nada está parado, tudo se move, tudo vibra”.

Princípio Inteligente: partícula elementar de tudo o que compõe o Grande Plano Mental e, conseqüentemente, é responsável por toda a manifestação que ocorre no Grande Plano Físico.

Processo de Subdivisão: Processo decorrente da aplicação do Princípio de Gênero: o Gênero está em tudo; tudo tem o seu princípio 154

masculino e o seu princípio feminino; o gênero se manifesta em todos os planos.

Psicossoma: vide “Corpo Emocional”.

Psiquismo Diretor: um dos atributos o

“Grande Plano *Atman*”.

Putah: vide “Corpo Búdico”.

R

Rahim: vide “Absoluto, O”.

Rajas: aspecto positivo da manifestação do Absoluto, ativo, diurno, luminoso, masculino, quente, a ação, o som. Vide “*Tamas*” e “*Sattva*”.

Ramo: vide “Clado”.

Reinos: proporcionam as experiências ne-

cessárias para o deslocamento do Eu na Consciência em cada mundo existencial. Os conhecidos se subdividem em:

Reino Mineral;

Reino Vegetal;

Reino Animal;

155

Reino Hominal; e

Reino Angelical.

Relacionamento: é contribuir para a jornada do próximo sem autoindulgência, autoaprimoramento ou autoproteção, sem ego.

Ruach: vide “Corpo Mental Concreto”.

S

Sab: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Salão das Duas Verdades: Sombra Avelu-

dada = Submundo = Mundo Energético =

Mundo Espiritual = Mundo das Sombras =

Mundo dos Mortos = Mundo Inferior = Umbra

= Umbral, a depender da cultura adotada.

Samadhi: a suprema felicidade que ocorre quando o Eu compreende que a separatividade é uma ilusão e que a unidade é a Verdade; que não é uma gota d’água, mas o oceano.

Sattva: aspecto neutro da manifestação do Absoluto, do equilíbrio. Vide “*Tamas*” e “*Rajas*”.

156

Satya Yuga = *Sat Yuga* = *Krta Yuga* = *Krita Yuga* = Era de Ouro: período no qual a Vitalidade inicia e termina o seu fluxo.

Shayah: vide “Corpo Búdico”.

Simbionte: aquele que se vê como algo que deve contribuir para o mundo. Vide “Parasita”.

Stulo Shárira: vide “Corpo Físico”.

T

Tamas: aspecto negativo da manifestação do Absoluto, passivo, noturno, escuro, feminino, frio, a reação, o silêncio. Vide “*Rajas*” e “*Sattva*”.

Tecido Elementar = Fluido universal: elemento universal, fluido elementar, é o atributo que nasce no *seio* do Absoluto e se dirige até o infinito.

Tela Búdica = Tela Etérica: localizado no Corpo Energético, é responsável por filtrar a comunicação de determinadas sensações, impressões, vivências etc. entre o Corpo Físico e o 157

Corpo Emocional. Um dos filtros às trocas de vivência em cada Corpo Existencial.

Tela Etérica: vide “Tela Búdica”.

Transição Planetária: processo através do qual o Planeta, que é criado em seu aspecto mais sutil, passa a brutalizar-se pela ação do Agente Modelador e, posteriormente, sutaliza-se novamente, até integrar-se com o restante do Sistema Planetário. Conjunto de ciclos de sístoles e diástoles da Vitalidade no Planeta, permitindo a sua transformação de maneira a seguir o seu *Dharma*.

Treta Yuga = *Trétha Yuga* = Era de Prata: período intermediário entre *Satya Yuga* e *Dvâpara Yuga*.

Todo, O: vide “Absoluto, O”.

U

Umbra = Umbral = Mundo Energético =

Mundo Espiritual = Submundo = Salão das Duas Verdades = Mundo das Sombras =

Mundo dos Mortos = Sombra Aveludada =

Mundo Inferior, a depender da cultura adotada.

158

V

Vijnanamaya Kosha: vide “Corpo Mental Abstrato”.

Y

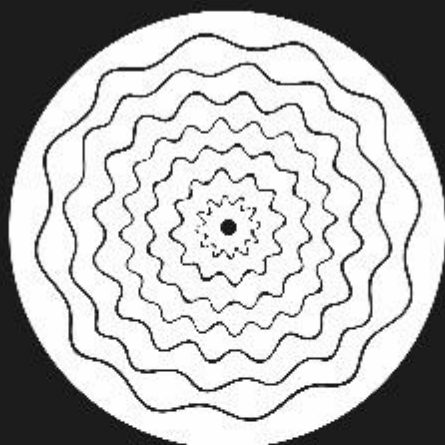
Yechida: vide “Corpo Átmico”.

Z

Zênite: ponto imaginário que se localizada na parte mais elevada da abóboda celeste.

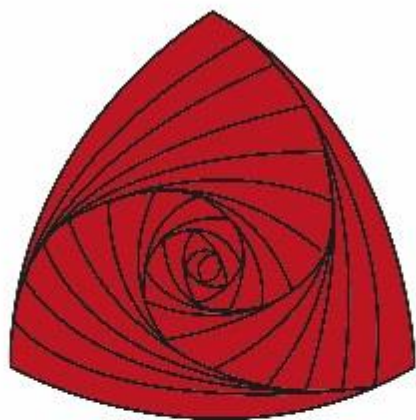
Vide: *Nadir*.

159



A Manifestação

PAULO JACOBINA



O Homem

PAULO JACOBINA



A Senda Infinita

PAULO JACOBINA

A TRILOGIA DA EXISTÊNCIA

160